

Carolina Neves Martins

**Transmissão Intergeracional do Perfeccionismo:  
A Influência do Perfeccionismo Parental e do Temperamento  
Infantil no Desenvolvimento do Perfeccionismo nas Crianças**



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Departamento de Psicologia e Ciências da Educação

2020

Carolina Neves Martins

**Transmissão Intergeracional do Perfeccionismo:  
A Influência do Perfeccionismo Parental e do Temperamento  
Infantil no Desenvolvimento do Perfeccionismo nas Crianças**

Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Prof.<sup>a</sup> Doutora Cláudia Carmo



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Departamento de Psicologia e Ciências da Educação

2020

**Transmissão Intergeracional do Perfeccionismo:  
A Influência do Perfeccionismo Parental e do Temperamento Infantil no  
Desenvolvimento do Perfeccionismo nas Crianças**

**Declaração de Autoria de Trabalho**

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados encontram-se devidamente citados no texto e contam na listagem de referências incluída.

Assinatura

---

(Carolina Neves Martins)

*Copyright* em nome de Carolina Neves Martins

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

Com carinho especial à minha avó Cesaltina, que fez desta menina a mulher que é hoje.  
*Quanta sabedoria tem o olhar dos avós, quanta generosidade têm os seus sorrisos, que  
aconchego transmitem os seus abraços.*

## **Agradecimentos**

À Direção-Geral da Educação, por conceder as autorizações necessárias para que a realização da investigação fosse possível.

Ao Centro de Explicações Pimponeta, Lápiz e Caneta e aos Agrupamentos de Escolas de Faro, que nos receberam de braços abertos e nos acolheram com simpatia.

À Prof.<sup>a</sup> Doutora Cláudia Carmo, pela disponibilidade constante para esclarecer as minhas dúvidas, por compreender as minhas angústias e frustrações, por respeitar o meu tempo e auxiliar sempre no agendamento de datas auxiliares para orientação pessoal do desenvolvimento da investigação. Um especial obrigado por me ter aceite enquanto sua orientada e por me ter acompanhado desde a licenciatura neste “mundo” que é o perfeccionismo.

Ao Prof. Doutor Luís Faisca, por todo o auxílio prestado, principalmente na fase final. Um muito obrigado pela paciência e compreensão.

À minha colega nesta jornada, Diana Oliveira, por me esclarecer todas as dúvidas por mais estapafúrdias que fossem, por todas as conversas de motivação e apoio nos momentos mais difíceis e por ter um método de trabalho tão semelhante ao meu que nos permitiu trabalhar sempre em harmonia.

À Daniela Costa e ao João Chambino, pelas eternas correções de português e esclarecimentos de dúvidas de tradução fora de horas. À Joana Viegas, por me ouvir repetitivamente falar sobre o perfeccionismo e ainda assim querer continuar a ir para o café comigo enquanto trabalhava na dissertação. À Filipa Faria, por ter estado presente incessantemente e ter partilhado esta aventura comigo praticamente desde o primeiro dia. À Laura Inês Ferreira e à Ana Catarina Piedade, por compreenderem que por mais que quisesse estar presente, nem sempre conseguia e, mesmo assim, me terem apoiado. Aos

meus amigos no geral, por me continuarem a convidar para conviver e me mostrarem que apesar das obrigações há sempre tempo para momentos de lazer.

À Sofia Dias, por ter entrado a meio deste bailado e mesmo assim ter acompanhado os passos, respeitando o meu funcionamento e mostrando-me que é possível e extremamente importante ser feliz além do contexto académico. Um especial obrigado pela harmonia que trouxeste ao meu quotidiano numa fase tão significativa.

Aos meus pais, irmã e especialmente à minha avó, por compreenderem que a minha ausência seria necessária para alcançar o meu sucesso. À minha cadela Sorte, por se deitar a meu lado nas tardes preenchidas de trabalho e me olhar sempre com um sorriso, apesar de eu não ter tempo para brincar com ela.

A todas as crianças e pais que participaram no nosso estudo, obrigado pelo empenho, confiança e dedicação apresentados sempre com um sorriso nos lábios, sem vocês nada disto seria possível. Obrigada por me terem mostrado que ainda há esperança para um futuro melhor, no qual as falhas são permitidas para que possamos crescer.

## Resumo

A literatura sobre a etiologia do perfeccionismo sugere que uma das vias do desenvolvimento deste traço de personalidade poderá surgir como um comportamento aprendido, proveniente das interações pais-criança, enfatizando o papel dos fatores parentais, individuais e ambientais no seu desenvolvimento. No entanto, poucos são as investigações sobre a etiologia do perfeccionismo e estudar as interações pais-criança em amostras infantis. O presente estudo tem como principal objetivo analisar em que medida os fatores parentais (práticas e perfeccionismo parental) e o temperamento das crianças se relacionam com o perfeccionismo nos filhos, de acordo com modelos explicativos do perfeccionismo (Modelo Compreensivo do Temperamento Infantil, Modelo Integrador do Desenvolvimento do Perfeccionismo, Modelo Pediátrico do Perfeccionismo em Perturbações de Ansiedade e de Depressão). A amostra foi constituída por 18 crianças ( $N_{feminino} = 7$ ), estudantes do 1º ano do 1º Ciclo do distrito de Faro, com idades entre os 6 e os 7 anos, bem como as respetivas figuras parentais. Foram aplicados instrumentos que pretendessem averiguar a veracidade dos objetivos propostos e caracterizar a amostra, tendo sido subdivididos entre o protocolo dos pais (questionário sociodemográfico, Escala Multidimensional de Perfeccionismo, Escala de Perfeccionismo de Crianças e Adolescentes, Inventário de Comportamentos Parentais, Questionário sobre o Comportamento das Crianças) e o protocolo dos filhos (Entrevista Adaptada da Escala de Perfeccionismo CAPS, Tarefa de Cópia de Figuras, Tarefa de Interação). Os resultados obtidos corresponderam maioritariamente ao esperado, tendo-se concluído que existe uma relação entre o perfeccionismo e comportamentos parentais, o temperamento infantil e o desenvolvimento do perfeccionismo nas crianças. Além disso, concluiu-se que o perfeccionismo parental, o perfeccionismo auto-orientado e o perfeccionismo socialmente prescrito infantil se encontram relacionados, sendo estes os tipos de perfeccionismo prevalentes nas crianças.

**Palavras-chave:** Perfeccionismo Infantil, Perfeccionismo Parental, Comportamentos Parentais, Transmissão Intergeracional, Temperamento Infantil.

## Abstract

The literature on the etiology of perfectionism suggests that one of the ways of developing this personality trait may emerge as a learned behavior, arising from parent-child interactions, emphasizing the role of parental, individual and environmental factors in its development. However, there are few investigations on the etiology of perfectionism and studying parent-child interactions in infant samples. The main objective of this study is to analyze the extent to which parental factors (parental practices and perfectionism) and children's temperament are related to perfectionism in children, according to explanatory models of perfectionism (Comprehensive Child Temperament Model, Integrating Model of Development of Perfectionism, Pediatric Model of Perfectionism in Anxiety and Depression Disorders). The sample consisted of 18 children (N female = 7), students of the 1st year of the 1st cycle of the district of Faro, aged between 6 and 7 years, as well as their parental figures. Instruments were applied to ascertain the veracity of the proposed objectives and characterize the sample, having been subdivided between the parents' protocol (sociodemographic questionnaire, Multidimensional Perfectionism Scale, Perfectionism Scale for Children and Adolescents, Parental Behavior Inventory, Questionnaire on Behavior of the Children) and the protocol of the children (Interview adapted from the CAPS Perfectionism Scale, Copy of Figures task, Interaction task). The results obtained corresponded mostly to what was expected, and it was concluded that there is a relationship between perfectionism and parental behaviors, children's temperament and the development of perfectionism in children. In addition, it was concluded that parental perfectionism, self-directed perfectionism and socially prescribed infantile perfectionism are related, these being the types of perfectionism prevalent in children.

**Keywords:** Child Perfectionism, Parental Perfectionism, Parental Behaviors, Intergenerational Transmission, Child Temperament.

## Índice

1. Introdução.....	1
1.1. Desenvolvimento do Perfeccionismo Infantil.....	4
1.2. Transmissão Intergeracional do Perfeccionismo.....	6
1.3. Temperamento Infantil.....	8
1.4. Modelos Teóricos Explicativos.....	12
2. Objetivos.....	24
3. Metodologia.....	25
3.1. Amostra.....	25
3.2. Medidas.....	27
3.2.1. Protocolo Pais.....	27
3.2.2. Protocolo Filhos.....	32
3.3. Procedimento.....	35
3.3.1. Procedimento de Recolha de Dados.....	35
3.3.2. Procedimento de Análise de Dados.....	37
4. Resultados.....	38
4.1. Análise descritiva e correlacional entre o perfeccionismo dos pais cuidadores e o perfeccionismo das crianças.....	38
4.2. Análise da influência dos comportamentos parentais perfeccionistas nos níveis de perfeccionismo nas crianças.....	45
4.3. Análise correlacional entre os comportamentos/perfeccionismo parental, o perfeccionismo infantil e o temperamento das crianças.....	46

5. Discussão.....	49
6. Conclusões.....	54
7. Referências Bibliográficas.....	58
Anexos.....	73

## Índice de Tabelas

<b>Tabela 1.</b> Dados Sociodemográficos das Crianças e dos seus Pais Cuidadores.....	26
<b>Tabela 2.</b> Estímulos utilizados na Tarefa de Cópia de Figuras.....	80
<b>Tabela 3.</b> Correlações de <i>Spearman</i> dos parâmetros observacionais registados na Tarefa de Cópia de Figuras ( $N = 18$ ).....	40
<b>Tabela 4.</b> Estatísticas descritivas para a pontuação das dimensões do comportamento parental na Tarefa de Interação ( $N = 18$ ).....	41
<b>Tabela 5.</b> Diferenças entre o Perfeccionismo Infantil em Heterorrelato (Escala CAPS) e em Autorrelato (Entrevista CAPS) ( $N = 18$ ).....	42
<b>Tabela 6.</b> Correlações de <i>Spearman</i> dos itens correspondentes entre a avaliação do Perfeccionismo Infantil em Heterorrelato (Escala CAPS) e em Autorrelato (Entrevista CAPS) ( $N = 18$ ).....	43
<b>Tabela 7.</b> Correlações de <i>Spearman</i> entre o Perfeccionismo Parental (HMPS) e o Perfeccionismo Infantil (CAPS, Entrevista CAPS e Tarefa de Cópia de Figuras) ( $N = 18$ ).....	45
<b>Tabela 8.</b> Correlações de <i>Spearman</i> entre os Comportamentos Parentais (Tarefa de Interação e PBS) e os níveis de Perfeccionismo dos filhos (CAPS, Entrevista CAPS e Tarefa de Cópia de Figuras) ( $N = 18$ ).....	46
<b>Tabela 9.</b> Correlações de <i>Spearman</i> entre o Temperamento Infantil (CBQ-SF) e os níveis de Perfeccionismo das crianças (Entrevista CAPS e Tarefa de Cópia de Figuras) ( $N = 18$ ).....	47
<b>Tabela 10.</b> Correlações de <i>Spearman</i> entre o Temperamento Infantil (CBQ-SF) e os Comportamentos/Perfeccionismo Parental (PBS e HMPS) ( $N = 18$ ).....	49

## Índice de Figuras

<b>Figura 1.</b> Modelo Compreensivo do Temperamento Infantil de Rothbart, Ahadi e Evans (2000).....	13
<b>Figura 2.</b> Modelo Integrador do Desenvolvimento do Perfeccionismo de Flett, Hewitt, Oliver e MacDonald (2002).....	18
<b>Figura 3.</b> Modelo Pediátrico do Perfeccionismo em Perturbações de Ansiedade e de Depressão de Affrunti e Woodruff-Borden (2014).....	21
<b>Figura 4.</b> Procedimento de aplicação do Protocolo dos Filhos e do Protocolo dos Pais..	36

## Índice de Anexos

<b>Anexo A.</b> Consentimento Informado.....	74
<b>Anexo B.</b> Entrevista adaptada da Escala de Perfeccionismo de Crianças e Adolescentes..	76
<b>Anexo C.</b> Grelha de Observação do Comportamento da Criança e Estímulos utilizados na Tarefa de Cópia de Figuras.....	78
<b>Anexo D.</b> Grelha de Observação do Comportamento Materno e da Criança – Tarefa de Interação.....	81

## Siglas e Acrónimos

**PAO** – Perfeccionismo Auto-orientado.

**PSP** – Perfeccionismo Socialmente Prescrito.

**POO** – Perfeccionismo Orientado para os Outros.

**HMPS** – Escala Multidimensional de Perfeccionismo.

**CAPS** – Escala de Perfeccionismo de Crianças e Adolescentes.

**PBS** – Inventário de Comportamentos Parentais.

**CBQ-SF** – Questionário sobre o comportamento da criança – Versão Breve.

**DGE** – Direção Geral de Educação.

**DT** – Diretores de Turma.

**EE** – Encarregado de Educação.

**SPSS** – IMB SPSS Statistics.

**NPerfeccionismo** – Nível de perfeccionismo obtido na tarefa.

**Md** – Mediana.

**TNI** – Tipo Não Intrusivo.

**TLI** – Tipo Ligeiramente Intrusivo.

**TMI** – Tipo Moderadamente Intrusivo.

**TEI** – Tipo Extremamente Intrusivo.

**PP** – Subescala Parentalidade Positiva.

**PO** – Subescala Parentalidade Opressiva.

## 1. Introdução

Aliado ao desenvolvimento constante do indivíduo, ocorre a sua adaptação ao meio circundante. Quando o perfeccionismo se encontra presente neste processo, apesar do reconhecimento das suas competências, a necessidade do indivíduo de corresponder a padrões irrealistas autoimpostos torna-se por vezes um entrave ao desenvolvimento saudável do indivíduo.

Vários autores definem o perfeccionismo é definido como um traço de personalidade caracterizado pela persistência do estabelecimento de padrões de desempenho extremamente elevados, simultaneamente à realização de autoavaliações excessivamente críticas (e.g., Curran, Hill, & Williams, 2017; Flett & Hewitt, 2002; Flett, Coulter, Hewitt, & Nepon, 2011; Frost, Marten, Lahart, & Rosenblate, 1990). Apesar do atual consenso conceptual, pode considerar-se um constructo envolvido em controvérsias, de natureza intra e interpessoal (Hewitt & Flett, 1991), que integra componentes adaptativas e desadaptativas (Dickinson & Dickinson, 2015), não existindo consenso quanto à sua definição íntegra, constituindo um dos entraves ao avanço científico na temática (Flett & Hewitt, 2014).

Enquanto traço de personalidade, as definições iniciais do perfeccionismo centravam-se nos seus aspetos clínicos, negligenciando a sua presença em amostras não clínicas (e.g., Horney, 1945, 1972; Adler, 1956; Hollender, 1978; Burns 1980). De um modo mais abrangente, Frost e colaboradores (1990) realçam a importância do carácter intra e interpessoal deste traço, afirmando que os indivíduos perfeccionistas apresentam dúvidas constantes a respeito das suas qualidades, uma preocupação excessiva com os seus erros e valorização elevada das expectativas parentais, isto é, pela primeira vez é reconhecida a relevância dos pais no desenvolvimento do perfeccionismo.

O perfeccionismo encontra-se associado a uma rígida adesão a padrões pessoais elevados, nos quais o indivíduo atribui uma importância irracional à concretização dos mesmos, bem como a prevalência de um pensamento dicotômico, generalização excessiva de insucessos e medo de falhar (Fletcher & Speirs Neumeister, 2012; Flett, Hewitt, Blankstein, & O'Brien, 1991; Frost, *et al.*, 1990; Shafran, Cooper, & Fairburn, 2002). Entre os vastos comportamentos exibidos pelos perfeccionistas destacam-se comportamentos específicos, como a confirmação, verificação, correção, repetição, organização, desistência antecipada, dificuldade na tomada de decisão e demora na conclusão de tarefas de modo a minimizar a ocorrência de falhas (Antony & Swinson, 1998; Mitchell, Broeren, Newall, & Hudson, 2013). Tais comportamentos podem resultar de cognições que ocorrem através da antecipação de situações com foco excessivamente elevado para o desempenho de tarefas, autocrítica excessiva, medo do fracasso, atenção seletiva ao fracasso e pensamento dicotômico relacionado a regras rígidas (Shafran, *et al.*, 2002).

Apesar da discordância quanto à caracterização do constructo, que atualmente ainda não se encontra unânime, o perfeccionismo, inicialmente reconhecido como unidimensional (Burns, 1980), é entendido, maioritariamente, como multidimensional (e.g., Bento, Pereira, Saraiva, & Macedo, 2014; Frost, *et al.*, 1990; Hewitt & Flett, 1991; Hewitt, Flett, Sherry, Habke, Parkin, *et al.*, 2003; Pannhausen, Klug, & Rohrmann, 2020) e transdiagnóstico (Egan, Wade, & Shafran, 2011; Maricutoiu, Magurean, & Tulbure, 2019).

Foi no final da década de setenta que Hamachek (1978), pela primeira vez, descrevia o perfeccionismo como um constructo multidimensional que se subdividia em normal e neurótico, remetendo sua principal distinção para a excessiva preocupação dos neuróticos com a ocorrência de falhas, enquanto os normais permitem o seu

acontecimento. Já na década de noventa, os investigadores Hewitt e Flett (1991) definem o perfeccionismo como um constructo que integra três dimensões: o Perfeccionismo Auto-Orientado (PAO), caracterizado por aspetos intrapessoais, que envolvem a definição de padrões excessivamente elevados para o indivíduo, associados a elevados níveis de desajustamento; o Perfeccionismo Socialmente Prescrito (PSP), uma dimensão interpessoal que se encontra relacionada com exigências perfeccionistas percebidas, impostas pelos outros ao indivíduo; e o Perfeccionismo Orientado para os Outros (POO), uma dimensão também interpessoal que envolve uma forte tendência do indivíduo para impor expectativas e exigências perfeccionistas ao outro. Esta conceção ainda vigora na atualidade, tendo as dimensões do perfeccionismo relações distintas com as diversas psicopatologias (Limburg, Watson, Hagger, & Egan, 2017; Smith, Sherry, Vidovic, Saklofske, Stoeber, & Benoit, 2019).

A evolução do constructo ressalta assim a importância do seu carácter transdiagnóstico. Para Shafran e colaboradores (2002) o perfeccionismo pode ser caracterizado como um processo transdiagnóstico, no qual se encontra presente um conjunto de características comportamentais e cognitivas. Estas características são transversais a diversos quadros psicopatológicos, sendo um fator comum de vulnerabilidade (Harvey, Watkins, Mansell, & Shafran, 2004; Egan, *et al.*, 2011; Flett & Hewitt, 2002, 2012; Senderey & Papps, 2020; Shafran, *et al.*, 2002; Hong, Lee, Chng, Zhou, *et al.*, 2017), nomeadamente em Perturbações Depressivas (e.g., Affrunti & Woodruff-Borden, 2014; Egan, Wade & Shafran, 2011; Flett & Hewitt, 2014; Kenney-Benson, & Pomerantz, 2005; Morris & Lomax, 2014; Oros, Iuorno, & Serppe, 2017), Perturbações da Alimentação e da Ingestão (e.g., Egan, *et al.*, 2011; Shafran, *et al.*, 2002), Perturbações da Ansiedade (e.g., Affrunti & Woodruff-Borden, 2014; Mitchell, *et al.*, 2013) e Perturbação Obsessivo-Compulsiva (e.g., Antony, Purdon, Huta, & Swinson, 1998; Wu & Cortesi, 2009).

Dado que a prevalência deste traço se encontra documentada entre três a cada dez jovens (Flett & Hewitt, 2014), torna-se relevante compreender a sua origem e a sua propagação no decorrer do desenvolvimento das crianças e jovens (Flett, Hewitt, Oliver, & MacDonald, 2002; Hong, *et al.*, 2017).

### **1.1. Desenvolvimento do Perfeccionismo Infantil**

Na tentativa de compreender os fatores que contribuem para o desenvolvimento do perfeccionismo, são vários os modelos explicativos que integram características da relação parental, traços de personalidade dos pais e fatores individuais da criança (e.g., Modelo Compreensivo do Temperamento Infantil [Rothbart, *et al.*, 2000]; Modelo Integrador do Desenvolvimento do Perfeccionismo [Flett, *et al.*, 2002]; Modelo Pediátrico do Perfeccionismo em Perturbações de Ansiedade e de Depressão [Affrunti & Woodruff-Borden, 2014]). A relação entre o perfeccionismo parental e o desenvolvimento do perfeccionismo nas crianças contribui para a manutenção e aumento deste traço nos filhos, sendo a infância e a adolescência fases significativas para a propagação do mesmo (Flett, *et al.*, 2002; Hibbard & Walton, 2014).

Atendendo aos elementos contributivos para o desenvolvimento da necessidade de ser perfeito, é possível afirmar que a sua origem pode ocorrer num ambiente pautado pela não-aprovação (Hamachek, 1978), expectativas elevadas e criticismo constante (Blatt, 1995; Cook & Kearney, 2009; Oros, *et al.*, 2017), no qual por norma a criança não obtém *feedback* positivo, orientações e afeto (Affrunti & Woodruff-Borden, 2014, 2016; Burns, 1980; Flett, *et al.*, 2002; Hibbard & Walton, 2014).

Barrow e Moore (1983) enumeram quatro ambientes distintos nos quais o surgimento do pensamento perfeccionista se encontra predisposto com maior facilidade: (1) observação de pais ou de outras figuras de vinculação perfeccionistas; (2) críticas e

exigências parentais excessivas; (3) ausência de padrões de comunicação consistentes e claros ou existência de aprovação parental condicional; (4) padrões parentais e expectativas excessivamente elevadas nos quais o criticismo se encontra implícito.

Segundo Frost e colaboradores (1991), os filhos tendem a adquirir características do progenitor do mesmo sexo (*same-sex modeling*), considerando as expectativas culturais relativamente à feminilidade e masculinidade, rejeitando o perfeccionismo do cuidador do sexo oposto (Vieth & Tull, 1999). Por norma na cultura ocidental a mãe detém maioria das responsabilidades parentais nos primeiros anos de vida dos filhos, podendo estes tornarem-se perfeccionistas como resposta a crenças, comportamentos, expectativas elevadas e aceitação condicional da mãe (Flett, *et al.*, 1991). Cook e Kearney (2009) corroboram a existência de relação entre o perfeccionismo dos filhos do sexo masculino e o perfeccionismo materno, não ocorrendo entre progenitores masculinos e as filhas. Mais recentemente, Pellerone e colaboradores (2017) afirmam que o cuidado e o controlo exercido pela mãe e pelo pai poderão determinar esquemas cognitivos distintos entre os seus filhos e filhas. Contrariamente à relação entre mães e filhas, observaram que as dimensões paternas não influenciam os esquemas cognitivos das filhas, referindo que uma possível explicação para este facto poderia residir no detalhe de as mães, por norma, se encontrarem mais presentes no quotidiano dos filhos (Pellerone, *et al.*, 2017).

Na presença de expectativas parentais e/ou críticas elevadas diante o fracasso relativamente ao desempenho dos filhos, a predisposição para psicopatologias nas crianças é significativa (Blatt, 1995; Hibbard & Walton, 2014). O aumento de comportamento compulsivos inerentes à presença destes, resulta na tentativa de realização de tarefas na perfeição, exaltando os níveis de autoconsciência na adolescência (Evans, Lekckaman, Carter, Reznick, Henshaw, King, & Pauls, 1997). Neste sentido, o ambiente sociocultural e familiar demonstra ser preponderante para o desenvolvimento psicológico do indivíduo

(Ashbaugh, Antony, Liss, Summerfeldt, McCabe, & Swinson, 2007; Bronfenbrenner & Morris, 1998; Suh, Sohn, Kim, & Lee, 2019), dado que é no seio familiar que são estruturados os aspetos cognitivos e emocionais das crianças (Piotrowski, 2020; Santos, 2001; Kiss, Fechete, Pop, & Susa, 2014).

A necessidade de perfeição aumenta quando a criança aparenta ser competitiva, isto é, apresenta capacidades de atingir objetivos elevados (Kiss, *et al.*, 2014). Este traço pode ter um impacto benéfico na criança, dado que as emoções positivas são vistas como recursos protetores da saúde psicofísica (Fredrickson & Joiner, 2002; Oros, 2014) – apesar de tal ser negligenciado na maioria das investigações (Hewitt, Caelian, Flett, Sherry, Collins, & Flynn, 2002; Stoeber, 2012) – auxiliando na recuperação do controlo interno de um ambiente excessivamente exigente, minimização da humilhação resultante da privação da autonomia e promoção de relações interpessoais (Gong, Fletcher, & Bolin, 2015; Hong, *et al.*, 2017; Oros, 2014).

## **1.2. Transmissão Intergeracional do Perfeccionismo**

Apesar da evidência empírica notar a relação entre o perfeccionismo infantil e o perfeccionismo parental (e.g., Frost, *et al.*, 1991), o interesse na transmissão intergeracional do perfeccionismo é relativamente recente (Cook & Kearney, 2009; Domocus & Damian, 2018). Até ao momento não foram realizados estudos sobre a origem do perfeccionismo com crianças de idades inferiores a sete anos (Cook & Kearney, 2009; Lozano, Valor-Segura, & Lozano, 2015; Mitchell, *et al.*, 2013; Senderey & Papps, 2020; Ko, Hewitt, Cox, Flett, & Chen, 2019). Na generalidade, as investigações sobre os fatores etiológicos do perfeccionismo recorrem a amostras com adolescentes e estudantes universitários, optando principalmente pela utilização de métodos correlacionais e medidas de autorrelato (Croddock, Chruch, & Sands, 2009; Mitchell, *et al.*, 2013).

Madjar e colaboradores (2015) concluíram que a percepção de expectativas parentais elevadas pode promover aspetos adaptativos do perfeccionismo, dado que a percepção das elevadas expectativas parentais se encontra vigorosamente relacionada com o facto de a criança ter expectativas elevadas, apesar de inclusive terem observado uma associação mais ínfima com a preocupação com os erros. Realçam ainda que a percepção de críticas parentais se encontra positivamente associada a aspetos desadaptativos do perfeccionismo e negativamente associada com os aspetos adaptativos do perfeccionismo (Madjar, Voltsis, & Weinstock, 2015).

Hong e colaboradores (2017), numa investigação longitudinal com crianças de sete anos de idade, observaram diferenças individuais no perfeccionismo no início do ensino obrigatório, realçando a necessidade de realizar estudos centrados na etiologia do desenvolvimento deste traço na infância. A este propósito, Harvey e colaboradores (2017) no seu estudo com uma amostra de 203 crianças com idades compreendidas entre os oito e os 12 anos procuraram compreender como as expectativas e críticas parentais podem fomentar o desenvolvimento de um determinado tipo de perfeccionismo. Concluíram que, por um lado, as expectativas parentais encontravam-se associadas ao esforço/procura pela perfeição e, por outro, as críticas parentais associavam-se ao autocrítico (Harvey, *et al.*, 2017). Os resultados alcançados são similares aos de estudos realizados anteriormente (e.g., McArdle & Duda, 2008; Rice, *et al.*, 2005), porém, os do estudo mencionado, possuem uma especial relevância dada a idade dos sujeitos da amostra, pois referem que o desenvolvimento do perfeccionismo ocorre antes dos oito anos. Neste sentido, é relevante a utilização de medidas observacionais específicas para comportamentos perfeccionistas em crianças, possibilitando a análise deste traço em amostras mais jovens e a idade da sua origem.

Uma das principais questões no estudo da etiologia e desenvolvimento do perfeccionismo remete para o impacto da presença deste traço parental nas crianças, exacerbando a relevância da realização de investigações com foco exclusivo sobre a influência dos estilos parentais no desenvolvimento de fatores distintos do perfeccionismo (Domocus & Damian, 2018). Neste sentido, o relacionamento entre pais e filhos adquire uma importância primordial como elemento explicativo da saúde psicoafectiva das crianças, o que justifica a exploração das suas características, como o temperamento infantil, sendo promissor a investigação da sua presença em crianças com perfil perfeccionista (Oros, *et al.*, 2017).

### **1.3. Temperamento Infantil**

Para além da influência parental, a literatura aponta que o temperamento surge também enquanto fator determinante no desenvolvimento deste traço (e.g., Richter, Eisemann, & Richter, 2000; Kobori, Yamagata, & Kijima, 2005; Affrunti, Gramszlo, & Woodruff-Borden, 2016). A conceptualização do temperamento ainda não é unânime, dado que somente alguns autores enfatizam os seus aspetos hereditários (e.g., Buss & Plomin, 1984) e outros os ambientais (e.g., Lerner & Lerner, 1983).

O conhecimento do conceito do temperamento permite antedizer determinados comportamentos da criança, emancipando a programação de estratégias preventivas, de modo a minimizar o impacto de determinadas características temperamentais e, conseqüentemente, diminuindo problemas de adaptação (Bates, 1989).

O temperamento infantil pode ser definido como um padrão inato e com humor estável, referente a diferenças constitucionais na reatividade emocional, motora e atencional (Ahadi & Rothbart, 1994; Goldsmith & Rothbart, 1991; Rothbart, 1999; Rothbart, Ahadi, & Evans, 2000; Rothbart & Bates, 1998; Sanson, Hemphill, & Smart,

2002; Schwebel & Plumert, 1999), que determinam não só o estilo comportamental, como a forma que a criança experiencia e reage para com o mundo (Linhares, Dualibe, & Cassiano, 2013; Rothbart, 2004; Rothbart & Bates, 2006). As características temperamentais da criança são influenciadas por uma enormidade de fatores, desde os genéticos, que lhe conferem o seu carácter constitucional (Rothbart & Bates, 1998), aos de maturação do sistema nervoso central, desenvolvimentais e de aprendizagem (Rothbart, *et al.*, 2000).

As diferenças individuais do temperamento têm implicações no desenvolvimento, dado que é na infância que se formam os núcleos da personalidade (Rothbart, *et al.*, 2000). Apesar do temperamento se diferenciar dos restantes atributos comportamentais devido ao seu carácter inato, investigações afirmam que este pode ser modificado a partir da maturação e do ambiente em que a criança se insere (e.g., Carey & McDevitt, 1995; Rothbart, Ahadi, Hershey, & Fischer, 2001).

De acordo com Rothbart e colaboradores (Rothbart, 1989, 2004; Rothbart & Bates, 2006), o temperamento integra diferenças individuais, tendo por base a autorregulação e reatividade nos domínios afetivo, atenção e atividade. A sua autorregulação pode basear-se nos mecanismos utilizados pelo indivíduo para controlar os seus comportamentos e reações emocionais a estimulações negativas ou positivas (Rothbart, 2004). Apesar de se encontrarem limitados a processos básicos de reatividade, autorregulação e não incluírem conteúdos específicos do pensamento ou uso de defesas, os seus traços aparentam ser consistentes (Rothbart & Bates, 2006).

O temperamento é composto por três fatores que se diferenciam quanto à regulação e reatividade das emoções básicas (Rothbart & Bates, 2006): extroversão, afeto negativo e controlo com esforço. A extroversão pode ser observada através de níveis de atividade elevados, inquietação em situações sociais, estimulação de alta intensidade (i.e., exposição

a riscos) e resposta rápida (Rothbart, 2004). O afeto negativo no início do desenvolvimento do indivíduo caracteriza-se por formas primitivas de angústia e irritação, seguidas por estados de medo e frustração (Rothbart, 2004). O controlo com esforço define-se pelo controlo inibitório, exposição de satisfação em atividades de baixa intensidade e atenção focalizada (Evans & Rothbart, 2007, 2008, 2009; Rothbart, 2004; Rothbart, *et al.*, 2000; Rothbart, *et al.*, 2001; Rothbart, Sheese, & Posner, 2007; Shiner, Buss, McClowry, Putnam, Saudino, & Zentner, 2012). A presença destes fatores em casos extremos podem conduzir ou predispor o indivíduo a psicopatologias (Rothbart & Bates, 2006).

De modo a explorar a estabilidade e alterações dos traços do temperamento, têm sido realizados estudos longitudinais que associam o temperamento infantil a traços de personalidade, nos quais concluíram que existe continuidade moderada da personalidade desde a infância até à idade adulta (e.g., Matthews, Deary, & Whiteman, 2009). Dado que ao longo do desenvolvimento os indivíduos tornam-se mais predispostos a interagir com o meio, estes traços são suscetíveis a mudanças (Caspi & Roberts, 2001; Hansenne, 2004; Roberts & DelVecchio, 2000; Roberts, Walton, & Viechtbauer, 2006; Shiner, *et al.* 2012).

Rothbart e colaboradores (2000) com o objetivo de estudar a estabilidade das características temperamentais concluíram que durante o primeiro ano de vida ocorre um aumento na expressão de emoções positivas. Os autores indicaram ainda que a intensidade das reações ao medo diminui com o desenvolvimento, contrariamente à duração e intensidade das reações à frustração; as tendências de extroversão estabilizam entre a primeira e a segunda infância (Rothbart, *et al.*, 2000).

Caspi (2000) num estudo longitudinal com crianças desde os 3 aos 21 anos, concluiu que o temperamento infantil demonstrou ser preditor da estrutura de personalidade aos 18 anos, permitindo afirmar que existe uma continuidade do traço desde a infância até à idade adulta. De Pauw e colaboradores (2009), num estudo com crianças entre

os 4 e 5 ano de idade, concluíram que quanto mais elevado fosse o nível de atividade apresentada no temperamento, avaliados pelos pais ou mães, maior era a ocorrência de problemas externalizantes, como a hiperatividade e o *deficit* de atenção.

Ao investigar o temperamento infantil e o perfeccionismo parental simultaneamente, verifica-se que o conhecimento de questões inerentes ao temperamento permite explicar aos pais as variadas características e necessidades da criança. Oros e colaboradores (2017), num estudo com crianças entre os 8 e 12 anos, escrevem que na presença de traços temperamentais neuróticos e exigências parentais excessivas, principalmente as relativas ao desempenho, o perfeccionismo infantil pode despoletar. Caso seja adaptativo, pode assegurar um bom desempenho. Porém, se desadaptativo, poderá desencadear perturbações emocionais e psicopatológicas (Oros, *et al.*, 2017).

Apesar do temperamento infantil ser considerado um precursor do desenvolvimento do perfeccionismo na infância (Flett, *et al.*, 2002), parecem não existir evidências empíricas que apontem diretamente esta hipótese (Hong, *et al.*, 2017).

Affrunti e colaboradores (2016), num estudo com crianças entre os sete e 13 anos de idade, concluíram que o temperamento inibido pode prever aumentos desadaptativos no Perfeccionismo Socialmente Prescrito (PSP) e no Perfeccionismo Auto-orientado (PAO), agravando a partir de comportamentos parentais ou do relacionamento com os pares. Neste sentido, é possível afirmar que os traços temperamentais neuróticos, concomitantemente a exigências parentais irrealistas, contribuem para o desenvolvimento do perfeccionismo infantil (Oros, *et al.*, 2017).

Em suma, o temperamento pode ser considerado como um subdomínio da personalidade, dado que integra cognições, crenças, competências, valores específicos, hábitos e conteúdos da cognição social (Evans & Rothbart, 2007; Rothbart & Bates, 1998).

## **1.4. Modelos Teóricos Explicativos**

A revisão de literatura efetuada permitiu-nos conhecer vários modelos que procuram compreender os diversos fatores etiológicos que contribuem para o desenvolvimento do perfeccionismo. Na maioria destes modelos parece ser unanime a relevância da influência parental e do temperamento para o desenvolvimento do perfeccionismo desde a infância. Apesar de distintos, destaca-se a prevalência de fatores comuns. Apesar da existência de diversos modelos explicativos relativos à temática, foram selecionados o Modelo Compreensivo do Temperamento Infantil, o Modelo Integrador do Desenvolvimento do Perfeccionismo e o Modelo Pediátrico do Perfeccionismo em Perturbações de Ansiedade e de Depressão devido a serem os que explicam melhor os objetivos traçados na realização deste estudo.

### ***1.4.1. Modelo Compreensivo do Temperamento Infantil (Rothbart, Ahadi, & Evans, 2000)***

O Modelo Compreensivo do Temperamento Infantil (Rothbart, *et al.*, 2000) destaca-se entre os diversos modelos que foram desenvolvidos relativamente ao temperamento, sendo um dos dominantes na temática. Para o desenvolvimento do mesmo, os autores foram influenciados positivamente por Ailport (1961), que definiu o temperamento como um fenómeno característico da natureza emocional do indivíduo, incluindo a sua suscetibilidade à estimulação emocional, força e velocidade de resposta, bem como a sua personalidade. O facto de serem consideradas as diferenças individuais relativamente ao temperamento é realçado por Rothbart e colaboradores (2000) como sendo uma das razões mais promissoras para o estudo do desenvolvimento do constructo. Ao longos dos anos, os autores aprofundaram as dimensões do temperamento na infância

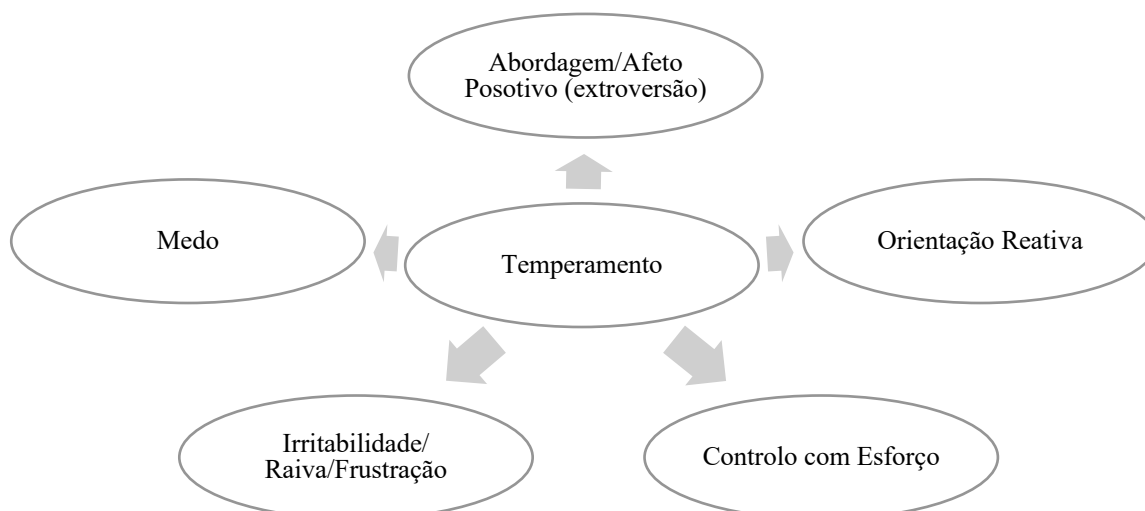
(Rothbart, 1981, 1986; Rothbart, *et al.*, 2000) e adultez (Derryberry & Rothbart, 1988; Evans & Rothbart, 1999; Rothbart, *et al.*, 2000).

O temperamento surge a partir da herança genética, influenciado pelas experiências individuais, sendo defendido neste modelo que as singularidades deste constructo têm implicações no desenvolvimento no decorrer da infância (Rothbart, *et al.*, 2000). De entre os aspetos que vão para além do temperamento, o modelo inicialmente destaca: (1) as visões do indivíduo sobre o *self*, o outro e o mundo; (2) as ligações entre o *self* e outros conceitos, esquemas e narrativas; (3) as adaptações cognitivas ao mundo social, incluindo os mecanismos de defesa (Rothbart, *et al.*, 2000).

Uma das razões para a adoção de uma abordagem do temperamento que considere as diferenças individuais deve-se a esta permitir o estudo do seu desenvolvimento (Rothbart, *et al.*, 2000). Dado que a criança pode ser considerada reativa, o desenvolvimento inicial seria a adição de capacidades de autorregulação à reatividade (Rothbart & Derryberry, 1981), tendo o sistema de atenção executiva um papel autorregulador, à exceção da emoção medo, com implicações significativas no desenvolvimento da personalidade (Posner & Rothbart, 2009; Rothbart, *et al.*, 2000).

**Figura 1.**

*Modelo Compreensivo do Temperamento Infantil de Rothbart, Ahadi e Evans (2000).*



Com base nos trabalhos dos psicobiológicos sobre emoção e atenção, no desenvolvimento do modelo, os autores exploraram dimensões como a abordagem/afeto positivo (extroversão), medo, orientação reativa, irritabilidade/raiva e controlo com esforço (Rothbart, *et al.*, 2000; Rothbart, Derryberry, & Posner, 1994).

A abordagem/afeto positivo (extroversão) refere-se à rápida iniciação de resposta, altos níveis de atividade, preferência por situações caracterizadas por estímulos de alta intensidade (e.g., exposição a gargalhadas e sorrisos), relativa inquietação em novas situações sociais (Putnam, Ellis, & Rothbart, 2001; Klein & Linhares, 2010), e à aproximação a novos estímulos (Gartstein & Rothbart, 2003; Rothbart, 1989; Rothbart, *et al.*, 2000). Esta dimensão subdivide-se em nível de atividade (atividade motora geral), elevada intensidade de prazer (relacionado com situações que envolvam estímulos de alta intensidade, ritmo, complexidade e incongruência), impulsividade (velocidade de iniciação de resposta) e timidez vs. aproximação social (velocidade lenta ou inibida vs. rápida aproximação e desconforto em situações sociais) (Rothbart, *et al.*, 2000; Rothbart, *et al.*, 2001).

O medo encontra-se subjacente à emocionalidade negativa, incluindo a preocupação ou nervosismo, relacionando-se com a dor ou a antecipação do sofrimento e/ou situações potencialmente ameaçadoras, atuando em situações de novidade, punição, estímulos intensos e medo prévio (Rothbart, *et al.*, 2000; Rothbart, *et al.*, 2001). O medo na infância prevê, de maneira confiável, menor impulsividade, atividade, antecipação positiva e agressão, além do medo e da tristeza, tendo as disposições para temer tanto custos como benefícios (Rothbart, *et al.*, 2000). A inibição comportamental – componente do medo – representa um importante controlo do comportamento, sendo preponderante na socialização e pretendendo apoiar o controlo de ações das crianças através do medo de punição ou decepção (Kochanska, 1991; Rothbart, *et al.*, 2000).

Relativamente à orientação reativa, encontra-se na sua base constitucional a reatividade emocional, motora, atencional e autorregulação (Rothbart, *et al.*, 2000; Rothbart & Bates, 1998). Estes processos incluem a atenção, a aproximação, o afastamento, o ataque e a inibição comportamental (Rothbart, *et al.*, 2000; Rothbart & Bates, 1998; Rothbart & Derryberry, 1981).

A irritabilidade/raiva insere-se na emocionalidade negativa, relacionando-se com a interrupção das tarefas ou um bloqueio do objetivo (Rothbart, *et al.*, 2000; Rothbart, *et al.*, 2001). Os indivíduos que manifestam com maior frequência esta dimensão caracterizam-se por ter um comportamento agressivo-defensivo, podendo a frustração estar associada a este parâmetro (Rothbart, Ahadi, & Evans, 2000).

O controlo com esforço coincide com o desenvolvimento do sistema cerebral de atenção executiva, influenciado pela região pré-frontal do córtex (Rothbart, *et al.*, 2000; Rothbart, *et al.*, 1994; Posner & Rothbart, 2007). Esta dimensão aparenta desempenhar um papel central nos processos de socialização afetiva da criança, sendo um ponto essencial no desenvolvimento da autorregulação (Klein & Linhares, 2010; Rothbart, *et al.*, 2000). Estruturalmente, o controlo com esforço inclui o foco consciente num estímulo, desviando a atenção de estímulos alternativos ou concorrentes – inibir ou ativar uma resposta, dependendo da situação a que estamos expostos – e a capacidade de apreciar as atividades de baixa intensidade (Putnam, Gartstein, & Rothbart, 2006; Rothbart, *et al.*, 2000). Esta dimensão subdivide-se em foco atencional (capacidade de manter o foco numa tarefa), sensibilidade percetiva (deteção de estímulos de baixa intensidade do ambiente externo), controlo inibido (capacidade para planear e para suprimir respostas de aproximação inapropriadas sob instruções) e baixa intensidade de prazer (relacionadas com situações que envolvam estímulos de baixa intensidade, ritmo, complexidade e incongruência) (Rothbart, *et al.*, 2000; Rothbart, *et al.*, 2001).

Os modelos psicobiológicos dão origem a hipóteses relevantes sobre o comportamento (Rothbart, *et al.*, 2000). Como se encontra supramencionado, o comportamento pode ser regulado por sistemas emocionais reativos, como o medo ou por sistemas de atenção autorreguladores, como o controlo com esforço (Rothbart, *et al.*, 2000). As crianças podem efetivamente recorrer à atenção com o objetivo de regular o comportamento, sendo mais capazes na inibição de respostas tiranas (e.g., roubar), a fim de considerar o efeito de suas ações sobre os outros, facilitando a internalização de padrões para o comportamento pró-social (Rothbart, *et al.*, 2000).

#### ***1.4.2. Modelo Integrador do Desenvolvimento do Perfeccionismo (Flett, Hewitt, Oliver, & McDonald, 2002)***

De modo a desenvolver um modelo teórico que considerasse fatores intra e interpessoais do indivíduo, Flett, Hewitt, Oliver e McDonald (2002) analisaram quatro modelos que coincidem na conceção de que a infância e a adolescência são fases cruciais para o desenvolvimento do perfeccionismo, nos quais se os pais exibirem elevados comportamentos perfeccionistas, podem gerar o aumento deste traço nas crianças: Modelo da Aprendizagem Social, Modelo da Resposta Social, Modelo das Expectativas Sociais e Modelo da Educação Parental Ansiosa.

O Modelo da Aprendizagem Social desenvolve-se com base na Teoria da Aprendizagem Social, partindo da afirmação que o desenvolvimento do perfeccionismo nos jovens ocorre devido à modelagem com as figuras parentais, principalmente com os progenitores do mesmo sexo, a partir da constante exposição a comportamentos perfeccionistas e crenças (Bandura, 1977).

O Modelo da Resposta Social defende que o perfeccionismo consiste num mecanismo de *coping* gerado em crianças expostas a ambientes severos e hostis (Gong, *et*

*al.*, 2015). O perfeccionismo, enquanto resposta social perante a adversidade, pretende minimizar os abusos de que a criança é vítima, reduzir a exposição à vergonha e à humilhação, aliviar o stress ou atuar como mecanismo de controlo interno e previsibilidade face a um ambiente familiar imprevisível e inconsistente (Carmo, 2012; Macedo, 2012).

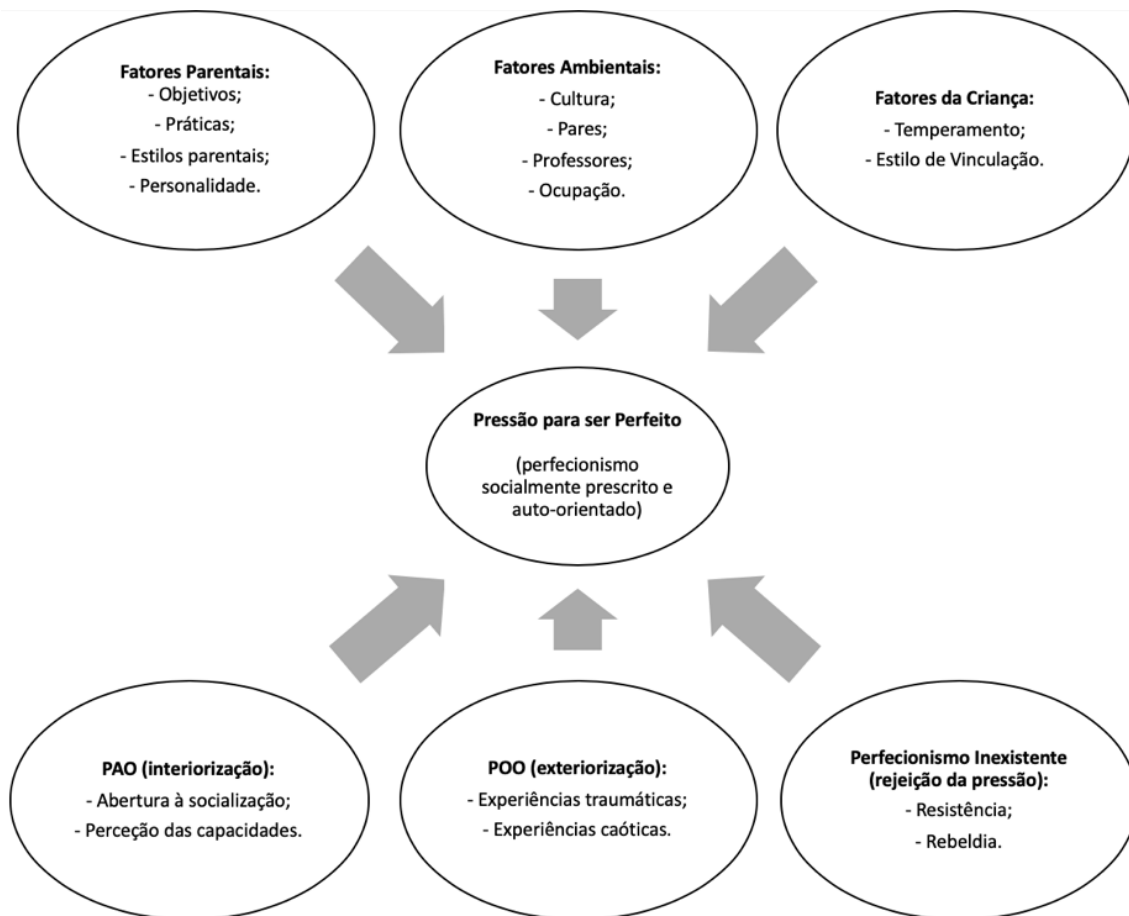
O Modelo das Expectativas Sociais alega que o perfeccionismo emerge em função da associação entre a aprovação parental contingente, expectativas e criticismo parentais. De acordo com o modelo, as crianças cujos pais têm expectativas elevadas e criticam quando as mesmas não são atingidas, apresentam risco elevado de desenvolvimento deste traço, como consequência da internalização de uma autoavaliação negativa e das expectativas parentais associadas (Damian, *et al.*, 2013).

O Modelo de Educação Parental Ansiosa teoriza que os pais ansiosos fomentam o desenvolvimento de perfeccionismo nos filhos (Mitchell, *et al.*, 2013). Ao demonstrarem preocupação elevada com a imperfeição, potenciarem a atenção mais exacerbada para os erros e as consequências negativas provenientes dos mesmos, poderão lesar o bem-estar dos seus filhos no decorrer do seu desenvolvimento (Carmo, 2012; Mitchell, *et al.*, 2013).

Flett e colaboradores (2002) após a análise dos modelos explicativos supramencionados delinearão o Modelo Integrador do Desenvolvimento do Perfeccionismo, no qual pretendem explicar o desenvolvimento do perfeccionismo, exacerbando fatores parentais (e.g., práticas e estilos parentais e personalidade), fatores ambientais (e.g., cultura, professores, pares) e fatores relacionados com a criança (e.g., estilo de vinculação e temperamento). Este modelo reflete a influência de contextos individuais, familiares e ambientais na gênese deste traço de personalidade (Flett, *et al.*, 2002).

**Figura 2.**

*Modelo Integrador do Desenvolvimento do Perfeccionismo de Flett, Hewitt, Oliver e MacDonald (2002).*



O Modelo Integrador do Desenvolvimento do Perfeccionismo inclui variáveis presentes nas crianças e nos pais, nomeadamente as distintas dimensões do perfeccionismo que se desenvolvem através de mecanismos de defesa distintos (Flett, *et al.*, 2002).

Ao descrever os fatores parentais considerados no modelo, é relevante mencionar que o perfeccionismo pode propagar-se quando as crianças se encontram expostas a um estilo parental maioritariamente autoritário, um clima emocional concentrado em consequências negativas na ocorrência de erros, em ocasiões nas quais os pais expectam comportamentos padrões de perfeccionismo, ou talhados para a promoção deste traço (Affrunti & Woodruff-Borden, 2015; Flett, *et al.*, 2002).

No que concerne aos fatores ambientais, exacerbam-se as pressões socioculturais para alcançar a perfeição. Encontram-se presentes tanto no meio profissional como no

escolar, determinados pela exigência e competitividade no grupo de pares (Flett, *et al.*, 2002).

Morris e Lomax (2014) apontam que as possíveis diferenças culturais, no desenvolvimento do perfeccionismo, são um fator sublinhado em diversos estudos, evidenciando o papel do perfeccionismo culturalmente prescrito, onde está patente a percepção de necessidade de ir ao encontro de expectativas elevadas, determinadas pelos padrões e normas culturais (e.g., Chan, 2009; Chen, Hewitt, & Flett, 2017; Fong & Yuen, 2014; Perera & Chang, 2015; Yoon & Lau, 2008). Neste sentido, a literatura demonstra quão necessária é a compreensão abrangente sobre o desenvolvimento deste traço de personalidade, através de uma visão cultural e da avaliação de diversas fontes interpessoais no estudo do perfeccionismo.

Ao nível dos fatores a respeito da criança, Flett e colaboradores (2002) realçam o quão importante é a abertura da criança para a socialização. Os autores partem da proposição que as crianças mais recetivas à socialização dos pais evidenciam uma maior probabilidade de internalizar as exigências perfeccionistas dos mesmos, fixando-as como exigências autoimpostas (Flett, *et al.*, 2002). A partir deste expediente, as crianças poderão tornar-se mais suscetíveis ao desenvolvimento de perfeccionismo auto-orientado (Tong & Lam, 2011).

Na criança, os estilos de vinculação, o temperamento, a percepção que têm relativamente às suas competências e a abertura à socialização são fatores que afetam o desenvolvimento do perfeccionismo. O temperamento é um fator especialmente relevante neste modelo, dado que determinados traços temperamentais, como o temperamento inibido ou temeroso, podem elevar a possibilidade de desenvolvimento de perfeccionismo desadaptativo (Affrunti, *et al.*, 2016; Affrunti & Woodruff-Borden, 2014), intensificando

as percepções de ameaça perante situações desafiantes ou novas e a apreensão numa possível experiência de angústia originária das mesmas (Flett, *et al.*, 2002).

O papel desempenhado pelas pressões externas para se tornar perfeito, tanto a nível parental como social, refletem-se no desenvolvimento do Perfeccionismo Socialmente Prescrito (PSP), sendo as respostas às mesmas que dão azo ao Perfeccionismo Auto-orientado (PAO), ao Perfeccionismo Orientado para os Outros (POO) ou à rejeição da pressão para atingir a perfeição (Flett, *et al.*, 2002). Tanto o PAO como o POO necessitam que no decorrer do processo de socialização a criança, com recurso à interiorização, transforme vivamente as pressões externas para se ser perfeito (PSP) em padrões individuais e exigências (PAO) ou a partir da exteriorização, transfira essas pressões e exigências para os outros (POO) (Flett, *et al.*, 2002).

Flett e colaboradores (2002) na elaboração do Modelo Integrador do Desenvolvimento do Perfeccionismo focaram-se em histórias familiares, propondo que o perfeccionismo desadaptativo pode constituir uma reação a um ambiente familiar que humilha e envergonha as crianças (Flett, *et al.*, 2002; Kiamanesh, Dieserud, Dyregrov, & Haavind, 2015). O desencadeamento do perfeccionismo ocorre com o objetivo de obter carinho e a aceitação das figuras de vinculação da criança e, simultaneamente, evitar a vergonha, rejeição e humilhação (Chen, Hewitt, & Flett, 2015).

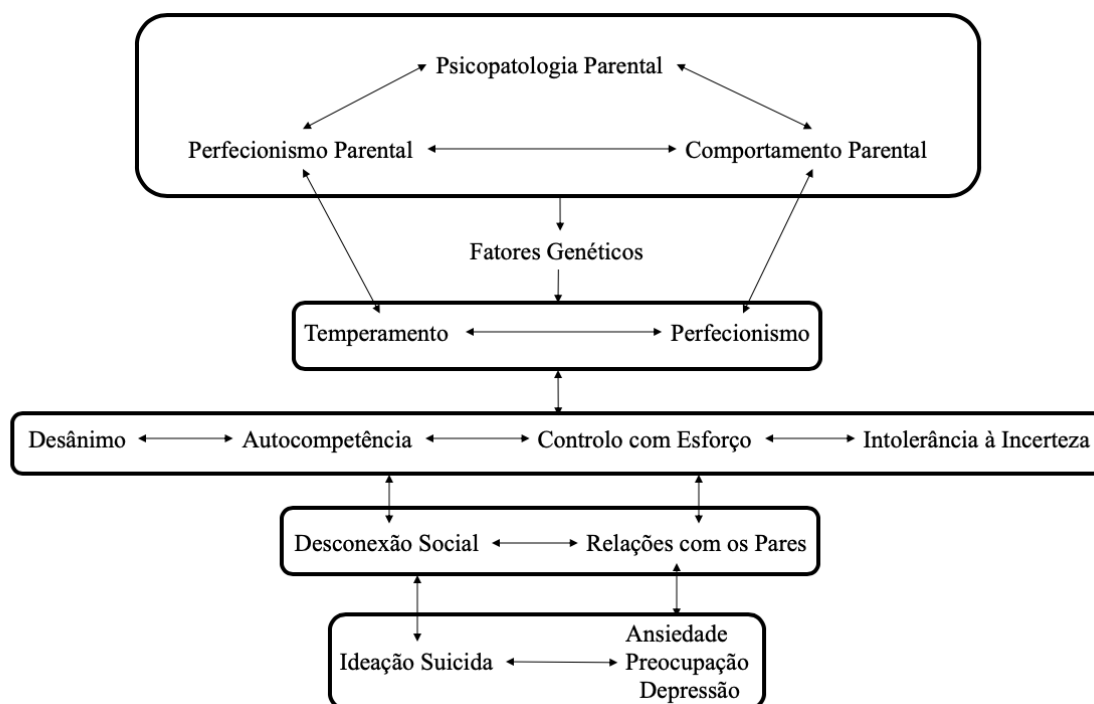
Dentro da comunidade científica gera controvérsia a compreensão e análise das relações vinculativas seguras no desenvolvimento das componentes do perfeccionismo (Carmo, 2012; Ulu & Tezer, 2010), sendo relevante o esclarecimento do papel diferenciador da vinculação com a mãe e com o pai no desenvolvimento do perfeccionismo adaptativo e desadaptativo dos filhos (Carmo, 2012). É extremamente relevante que esta variável continue a ser estudada, de modo a aprofundar o conhecimento sobre os fatores que contribuem para o desenvolvimento do traço.

### 1.4.3. Modelo Pediátrico do Perfeccionismo em Perturbações de Ansiedade e Depressão (Affrunti & Woodruff-Borden, 2014)

Com base em investigações sobre o perfeccionismo, Affrunti e Woodruff-Borden (2014) propuseram o Modelo Pediátrico do Perfeccionismo em Perturbações de Ansiedade e Depressão. O modelo tem como principal objetivo sintetizar o conhecimento referente ao papel do perfeccionismo nessas perturbações (Affrunti & Woodruff-Borden, 2014). O constructo do perfeccionismo pediátrico demonstra ser complexo e multidimensional (Hewitt & Flett, 1991), sendo retratado como uma representação transversal das vias envolvidas no perfeccionismo pediátrico. Para os propósitos do modelo, este traço de personalidade é representado como uma construção singular, incluindo múltiplas dimensões do perfeccionismo (Affrunti & Woodruff-Borden, 2014).

#### Figura 3.

*Modelo Pediátrico do Perfeccionismo em Perturbações de Ansiedade e de Depressão de Affrunti e Woodruff-Borden (2014).*



O desenvolvimento de perturbações de ansiedade e depressão tem recebido considerável atenção empírica (Affrunti & Woodruff-Borden, 2014; Rappe, 1997; Zahn-

Waxler, Klimes-Dougan, & Slattery, 2000), sendo concordante com a literatura sobre perturbações de ansiedade e depressão (Affrunti & Woodruff-Borden, 2014; Frost, *et al.*, 1991; Vieth & Trull, 1999).

Existem evidências preliminares de que os fatores genéticos podem influenciar a ligação entre o perfeccionismo de pais e filhos (Affrunti & Woodruff-Borden, 2014; Bachner-Melman, Lerer, Zohar, Kremer, Elizur, Nemanov, *et al.*, 2007; Tozzi, Aggen, Neale, Anderson, Mazzeo, *et al.*, 2004). Tozzi e colaboradores (2004), no seu estudo com 1022 gémeos, descobriram que fatores genéticos partilhados estavam significativamente relacionados a domínios do perfeccionismo, isto é, padrões pessoais, dúvidas sobre ações e preocupação com erros. Neste sentido, afirmam que o perfeccionismo pode ser moderadamente herdável (Affrunti & Woodruff-Borden, 2014; Tozzi, *et al.*, 2004). Affrunti e Woodruff-Borden (2014) afirmam que aparenta ser provável que sejam transmitidos somente amplos fatores de risco, não especificando a transmissão do perfeccionismo. Quando os pais se envolvem nesses comportamentos podem transmitir à criança que esta deve ser perfeita de modo a receber afeto destes, sendo a falha intolerável e resultando no sofrimento da criança (Affrunti & Woodruff-Borden, 2014).

Os comportamentos parentais perfeccionistas focam-se maioritariamente em erros e consequências negativas dos mesmos, transparecendo através de comportamentos verbais e não verbais, tendo consequências negativas independentemente da presença ou ausência de psicopatologia infantil (Mitchell, *et al.*, 2013). Contrariamente, os pais que não apresentam este traço exibem um comportamento calmo e relaxado, encorajando verbalmente a criança (Affrunti & Woodruff-Borden, 2014). Soenens e colaboradores (2005) num estudo com estudantes com idade entre os 18 e os 24 anos concluíram que o perfeccionismo parental desadaptativo se encontrava significativamente relacionado com a utilização de controlo psicológico.

As investigações realizadas constataram que a psicopatologia, o perfeccionismo e os comportamentos parentais, como o controlo exacerbado, são fatores predisponentes para a transmissão intergeracional do perfeccionismo (e.g., Affrunti & Woodruff-Borden, 2014; Cook & Kearney, 2009; Flett, *et al.*, 2002; Kenney-Benson & Pomerantz, 2005; Soenens, Luyckx, Vansteekiste, Luyten, Duriez, & Goossens, 2008). Como identificado no Modelo Pediátrico do Perfeccionismo em Perturbações de Ansiedade e Depressão, diversos fatores parentais provavelmente suscitam tal predisposição, devido à amálgama de fatores de risco genéticos transmitidos de pais para filhos (Affrunti & Woodruff-Borden, 2014).

Constructos como intolerância à incerteza, desesperança, controlo com esforço, autocompetência e o temperamento podem mediar e moderar a relação entre o perfeccionismo com a ansiedade e a depressão pediátricas (e.g., Affrunti & Woodruff-Borden, 2014; Flett, *et al.*, 2011; Hewitt, *et al.*, 2002; Huggins, Davis, Rooney, & Kane, 2008). Abordá-los no tratamento das perturbações mencionadas pode ser fundamental para apaziguar o sofrimento causado nos indivíduos (Clark & Beck, 1999; Essau, Conradt, Sasagawa, & Ollendick, 2012), dado que o conhecimento dos efeitos do perfeccionismo em perturbações específicas permite a realização de tratamentos mais direcionais (Affrunti & Woodruff-Borden, 2014).

A revisão de literatura no âmbito deste trabalho permite-nos notar que o Modelo Compreensivo do Temperamento Infantil (Rothbart, *et al.*, 2000), o Modelo Integrador do Desenvolvimento do Perfeccionismo (Flett, *et al.*, 2002) e o Modelo Pediátrico do Perfeccionismo em Perturbações de Ansiedade e de Depressão (Affrunti & Woodruff-Borden, 2014), assinalam que a propensão da criança para o desenvolvimento do perfeccionismo é determinada por uma panóplia complexa de fatores, nomeadamente, fatores individuais, como o temperamento (Rothbart, *et al.*, 2000), fatores ambientais e

fatores da relação parental no desenvolvimento de psicopatologias (Affrunti & Woodruff-Borden, 2014). Porém, são poucos os estudos relativos à influência do temperamento no desenvolvimento deste traço (e.g., Rothbart, 2007; Hong, *et al.*, 2017), perpetuando a dúvida sobre qual a sua função na evolução do perfeccionismo.

A pertinência do presente estudo, em comparação com os previamente realizados (e.g., Hong, *et al.*, 2017; Mitchell, *et al.*, 2013), deve-se à importância de avaliar as crianças enquanto coabitam com as suas figuras de vinculação, através de medidas de observação do perfeccionismo em situações de interação (e.g., mãe-criança, pai-criança), permitindo a diminuição do enviesamento causado pelas medidas predominantes, e a identificação dos fatores parentais que influenciam o perfeccionismo da criança.

## 2. Objetivos

O presente estudo tem como principal objetivo analisar em que medida os fatores parentais (práticas e perfeccionismo parental) e o temperamento da criança se relacionam com o perfeccionismo dos filhos, de acordo com os modelos explicativos do desenvolvimento do perfeccionismo.

De acordo com o objetivo geral, foram delineados os seguintes objetivos específicos: (1) caracterizar os níveis de perfeccionismo dos pais cuidadores e os níveis de perfeccionismo dos filhos; (2) verificar se existem diferenças significativas entre o perfeccionismo das crianças avaliado pelos pais (heterorrelato) e o perfeccionismo das crianças (autorrelato); (3) explorar a relação entre o perfeccionismo dos pais cuidadores e o perfeccionismo dos filhos; (4) analisar os comportamentos parentais (incentivo/crítica) durante a realização da tarefa de interação com a criança; (5) explorar a relação entre os diferentes comportamentos parentais e os níveis de perfeccionismo da criança; (6) avaliar a

relação entre o temperamento infantil e o perfeccionismo da criança; (7) explorar a relação entre os comportamentos/perfeccionismo parental e o temperamento infantil.

### **3. Metodologia**

A investigação contempla duas fontes de informação de auto e heterorrelato (pais e criança) e duas fontes *in vivo* (pais e criança), possibilitando discernir os níveis de perfeccionismo parental e das crianças e as práticas parentais a partir das tarefas. Trata-se de um estudo transversal, exploratório e correlacional.

#### **3.1. Amostra**

##### ***3.1.1. Caracterização Sociodemográfica da Amostra Total***

A amostra do estudo foi recolhida em diversas escolas do distrito de Faro, entre outubro de 2019 e maio de 2020. A amostra foi selecionada por conveniência a partir da população alvo deste estudo, e que correspondia às crianças de ambos os sexos que frequentavam o 1º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico do distrito de Faro. Devido à situação pandémica COVID-19 vigente no Mundo, infelizmente não foi possível obter a amostra planeada ( $n = 30$ ), tendo sido somente possível avaliar 18 crianças, com idades compreendidas entre os 6 e os 7 anos, das quais sete eram do sexo feminino e onze do sexo masculino, bem como as respetivas mães e pais, correspondendo a média de idades a 39.72 anos.

Foram considerados como critérios de exclusão: mães/pais ou crianças que não tenham domínio razoável da língua portuguesa, identificadas a partir de informação do estabelecimento escolar e das tarefas realizadas.

**Tabela 1.***Dados Sociodemográficos das Crianças e dos seus Pais Cuidadores*

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Mo</i>	<i>Min.–Max.</i>
Idade Criança	6,06	,236	6	6-7
Idade Figura Parental	39,78	3,919	39	31-49
		<i>n</i>		%
<b>Sexo Criança</b>				
Feminino		7		38,9
Masculino		11		61,1
<b>Nacionalidade Criança</b>				
Portuguesa		17		94,4
Brasileira		1		5,6
<b>Nacionalidade Figura Parental</b>				
Mãe Portuguesa		15		83,33
Mãe Brasileira		1		5,6
Pai Português		2		11,1
<b>Estado Civil Figura Parental</b>				
Solteiro		5		27,8
Casado/União de Facto		9		50
Divorciado/Separado		4		22,2
<b>Habilitações Literárias Figuras Parentais</b>				
2º ciclo (6º ano)		1		5,6
3º ciclo (9º ano)		2		11,1
Ensino Secundário (12º ano)		2		11,1
Ensino Superior		13		72,2
<b>Profissão Figura Parental</b>				
Psicólogo/a		4		22,2
Professora/a		2		11,1
Outros		12		66,7

*Nota:* *M* = Média; *DP* = Desvio Padrão; *Mo* = Moda; *Min* = Mínimo; *Max* = Máximo; *n* = número de sujeitos; % = percentagem de sujeitos.

### **3.2. Medidas**

Com o objetivo de se procurar responder aos objetivos estabelecidos no presente estudo e, após obtidos os Consentimentos Informados dos participantes (anexo A), forneceu-se aos pais o protocolo, em formato papel, composto por: Questionário Sociodemográfico; Escala Multidimensional de Perfeccionismo (Hewitt & Flett, 1991); Escala de Perfeccionismo de Crianças e Adolescentes (Flett, Hewitt, Boucher, Davidson, & Munro, 2001); Inventário de Comportamentos Parentais (Van-Leeuwen & Versulst, 2004); e Questionário sobre o Comportamento da Criança (Putnam & Rothbart, 2006). Seguidamente, realizou-se o protocolo dos filhos, com aplicação lápis-papel, constituído por: Entrevista adaptada da Escala de Perfeccionismo CAPS; Tarefa de Cópia de Figuras; e Tarefa de Interação.

#### ***3.2.1. Protocolo Pais***

##### **3.2.1.1. Questionário Sociodemográfico.**

Os dados sociodemográficos obtidos foram recolhidos com recurso ao questionário sociodemográfico entregue em formato papel, que permitiu caracterizar os participantes relativamente à sua idade, naturalidade, nacionalidade, estado civil, habilitações literárias e profissão. Permitiu ainda obter informações sobre a criança, como data de nascimento, sexo, naturalidade, nacionalidade e acontecimentos de vida relevantes no último ano.

##### **3.2.1.2. Escala Multidimensional de Perfeccionismo (Hewitt & Flett, 1991).**

A *Multidimensional Perfectionism Scale* (HMPS) é composta por 45 itens avaliados numa escala de resposta de sete pontos, correspondendo 1 a “discordo

completamente” e 7 a “concordo completamente”<sup>1</sup>, apresentando uma boa consistência interna ao nível das suas subescalas (PSP:  $\alpha = ,87$ ; PAO:  $\alpha = ,86$ ; POO:  $\alpha = ,82$ ). Neste estudo foi aplicada a sua versão portuguesa (Soares, Gomes, Macedo, Santos, & Azevedo, 2003), apresentando índices de fiabilidade adequados e estrutura fatorial similar à sua versão original. A versão portuguesa desta escala avalia, tal como a versão original três dimensões do perfeccionismo: PSP ( $\alpha = ,83$ ; e.g., “Sinto que as outras pessoas exigem demais de mim”); PAO ( $\alpha = ,89$ ; e.g., “Preocupo-me em ter um resultado perfeito em tudo”); e POO ( $\alpha = ,69$ ; e.g., “Espero muito das pessoas que são importantes para mim”). A solução de três fatores mostrou-se válida em populações clínicas e não-clínicas (Hewitt & Flett, 1991). Relativamente ao nosso estudo, optou-se pela utilização somente de duas das três subescalas na análise dos resultados, apresentando ambas uma boa consistência interna (PSP:  $\alpha = ,647$ ; PAO:  $\alpha = ,703$ ).

### **3.2.1.3. Escala de Perfeccionismo de Crianças e Adolescentes (Flett, Hewitt, Boucher, Davidson, & Munro, 2001).**

A *Child and Adolescent Perfectionism Scale (CAPS)* é um instrumento heteroavaliativo do perfeccionismo de crianças e adolescentes, constituído por 22 itens avaliados numa escala de resposta de cinco pontos, correspondendo 1 a “completamente falso” e 5 a “completamente verdadeiro”<sup>2</sup>, onde uma das figuras cuidadoras descreve a veracidade de uma afirmação relativamente ao perfeccionismo da uma criança. A versão original de Flett e colaboradores apresenta uma boa consistência interna de escala completa ( $\alpha = ,81$ ). Neste estudo optou-se pela aplicação da versão portuguesa (Bento, *et al.*, 2014; consistência interna escala total:  $\alpha = ,809$ ), que avalia duas dimensões do perfeccionismo:

---

<sup>1</sup> Itens cotados em sentido inverso (7 para 1): 2, 3, 4, 8, 9, 10, 12, 19, 21, 22, 24, 30, 34, 36, 37, 38, 43, 44 e 45.

<sup>2</sup> Itens cotados em sentido inverso (5 para 1): 3, 9 e 18.

PSP (e.g., “O meu filho(a) sente que há pessoas na sua vida que esperam que ele(a) seja perfeito(a)”) e PAO (e.g., “O meu filho(a) tenta ser perfeito(a) em tudo o que faz”). No presente estudo a escala completa apresentou uma boa consistência interna ( $\alpha = ,822$ ), tal como as subescalas (PSP:  $\alpha = ,692$ ; PAO:  $\alpha = ,806$ ).

#### **3.2.1.4. Inventário de Comportamentos Parentais (Van-Leeuwen & Versmulst, 2004).**

A *Parental Behavior Scale* (PBS) é um questionário composto por 45 itens, avaliados numa escala de resposta de cinco pontos ( $\alpha > ,80$ ), que pretende avaliar os comportamentos parentais para com os seus filhos, sendo aplicado neste estudo a sua versão portuguesa (Costa, Pereira, & Leal, 2012). A PBS reparte-se por duas subescalas (i.e., a Parentalidade Positiva [PP] e a Parentalidade Opressiva [PO]), cada uma delas subdividindo-se em nove dimensões.

As quatro dimensões correspondentes à PP são: Reforço Positivo (e.g., “Eu arranjo tempo para ouvir o meu filho/a”), Monitorização (e.g., “Eu mantenho-me ao corrente dos amigos com quem os meus filhos saem”), Regras (e.g., “Eu ensino os meus filhos a obedecerem a regras”) e Autonomia (e.g., “Eu ensino o meu filho/a a resolver os seus próprios problemas”).

Relativamente à PO, esta é composta por cinco dimensões: Disciplina (e.g., “Quando o meu filho/a não se comporta, eu dou-lhe uma tarefa como castigo”), Disciplina Inconsistente (e.g., “Quando eu castigo os meus filhos, acontece eu deixá-lo sair do castigo mais cedo”), Castigos Físicos (e.g., “Eu dou uma palmada aos meus filhos quando discutimos”), Ignorar (e.g., “Quando o meu filho/a faz uma coisa que não é permitida, eu faço-lhe um ar zangado e finjo que ele/a não está lá”) e Recompensas Materiais (e.g., “Quando os meus filhos fazem o seu melhor, eu permito alguma coisa extra”).

No estudo atual, as diversas dimensões apresentaram uma boa consistência interna (i.e., Reforço Positivo  $\alpha = ,834$ , Monitorização  $\alpha = ,662$ , Regras  $\alpha = ,818$ , Autonomia  $\alpha = ,904$ , Disciplina  $\alpha = ,839$ , Disciplina Inconsistente  $\alpha = ,741$ , Castigos Físicos  $\alpha = ,927$ , Ignorar  $\alpha = ,684$ ), tendo somente a dimensão Recompensas Materiais apresentado uma fraca consistência interna ( $\alpha = ,100$ ), devido a ter um menor número de itens.

### **3.2.1.5. Questionário sobre o Comportamento da Criança (Putnam & Rothbart, 2006).**

A *Children's Behavior Questionnaire – Short Form (CBQ-SF)* é um instrumento heteroavaliativo constituído por 94 itens que mede o comportamentos da criança, preenchida pela sua figura parental cuidadora, através de uma escala de resposta com sete pontos, correspondendo 1 a “extremamente falso” e 7 a “extremamente verdadeiro”<sup>3</sup>, tendo ainda a opção “não se aplica” quando os pais consideram que este comportamento não se observa na criança. Neste estudo foi aplicada a sua versão portuguesa (Barros & Goes, 2014), que se subdivide em 15 dimensões: Irritação/Frustração ( $\alpha = ,71$ ; e.g., “Faz birras quando não consegue o que quer”), Foco Atencional ( $\alpha = ,74$ ; e.g., “Quando está a desenhar ou a pintar, mostra-se muito concentrada”), Aproximação/Entusiasmo ( $\alpha = ,65$ ; e.g., “Fica tão entusiasmada antes de um acontecimento aliciante que tem dificuldade em ficar quieta”), Sensibilidade/Limiar de Resposta ( $\alpha = ,67$ ; e.g., “Quando se chateia, depois fica bem em poucos minutos”), Nível de Atividade ( $\alpha = ,62$ ; e.g., “A minha criança parece estar sempre com muita pressa para ir de um lado para o outro”), Medo ( $\alpha = ,64$ ; e.g., “Tem medo de barulhos intensos”), Controlo Inibido ( $\alpha = ,57$ ; e.g., “Consegue esperar para começar uma atividade aliciante, quando lhe é dito para esperar”), Elevada

---

<sup>3</sup> Itens cotados em sentido inverso (7 para 1): 3, 16, 18, 19, 21, 25, 34, 35, 36, 43, 48, 49, 50, 53, 54, 56, 60, 61, 68, 74, 75, 78, 80, 83, 84, 90, 91, 92 e 93.

Intensidade de Prazer ( $\alpha = ,55$ ; e.g., “Gosta de brincar de forma tão selvagem e imprudente que pode magoar-se”), Timidez ( $\alpha = ,81$ ; e.g., “Parece estar à vontade com quase todas as pessoas”), Baixa Intensidade de Prazer ( $\alpha = ,77$ ; e.g., “Gosta de tomar um banho quentinho”), Impulsividade ( $\alpha = ,60$ ; e.g., “Geralmente precipita-se para uma atividade sem pensar”), Desconforto ( $\alpha = ,71$ ; e.g., “Não fica muito incomodado com a dor”), Sorrisos/Gargalhadas ( $\alpha = ,65$ ; e.g., “Às vezes ri ou dá gargalhadas enquanto brinca sozinha”), Tristeza ( $\alpha = ,48$ ; e.g., “Tem tendência para ficar triste se os planos que a família fez saem trocados, ou não se realizam”) e Sensibilidade Percetiva ( $\alpha = ,62$ ; e.g., “Parece ouvir tudo, mesmo os sons baixos”).

Estas quinze dimensões organizam-se em três subescalas gerais, apresentando no estudo atual uma boa consistência interna: Emocionalidade Negativa ( $\alpha = ,60$ ), composta pela Nível de Atividade, Impulsividade, Elevada Intensidade de Prazer e Aproximação/Entusiasmo; Extroversão ( $\alpha = ,68$ ), que inclui a Foco Atencional, Sensibilidade Percetiva, Baixa Intensidade de Prazer, Sorrisos e Gargalhadas e Controlo Inibido; Controlo com Esforço ( $\alpha = ,69$ ), na qual se encontram presentes a Irritação/Frustração, Tristeza, Desconforto, Medo, Timidez e Sensibilidade/Limiar de Resposta.

Observou-se uma boa consistência interna em seis dimensões (i.e., Irritação/Frustração  $\alpha = ,811$ , Aproximação/Entusiasmo  $\alpha = ,675$ , Sensibilidade/Limiar de Resposta  $\alpha = ,671$ , Níveis de Atividade  $\alpha = ,796$ , Controlo Inibido  $\alpha = ,781$ , Elevada Intensidade de Prazer  $\alpha = ,634$ ), tendo-se analisado moderada consistência interna nas dimensões Baixa Intensidade de Prazer  $\alpha = ,564$ , Sorriso/Gargalhadas  $\alpha = ,555$ , Foco Atencional  $\alpha = ,558$ , Sensibilidade Percetiva  $\alpha = ,441$ , Desconforto  $\alpha = ,487$  e Tristeza  $\alpha$

= ,407, e uma fraca consistência interna nas dimensões Timidez  $\alpha = ,209$ , Impulsividade  $\alpha = ,285$  e Medo  $\alpha = ,181$ , devido a um número inferior de itens.

A totalidade das subescalas gerais (i.e., Emocionalidade Negativa  $\alpha = ,751$ , Extroversão  $\alpha = ,632$ , Controlo com Esforço ( $\alpha = ,641$ ) mostraram uma boa consistência interna no estudo atual.

### **3.2.2. Protocolo Filhos**

#### **3.2.2.1. Entrevista Adaptada da Escala CAPS (Flett, Hewitt, Boucher, Davidson, & Munro, 2001; Nichols, Damiano, Gregg, Wertheim, & Paxton, 2018).**

De modo a avaliar o perfeccionismo infantil, recorreu-se à autoavaliação recorrendo a uma entrevista adaptada a partir da Escala CAPS (Flett, *et al.*, 2001; Nichols, Damiano, Gregg, Wertheim, & Paxton, 2018), traduzida para Português no âmbito deste estudo (anexo B). Tal como o CAPS, esta entrevista permite a avaliação de duas dimensões do perfeccionismo da criança – PSP ( $\alpha = .81$ ; 4 itens; e.g., “Achas que as outras pessoas esperam sempre que sejas perfeito(a)?”) e PAO ( $\alpha = .85$ ; 4 itens; e.g., “Queres ser o(a) melhor em tudo o que fazes?”), avaliadas num primeiro momento por uma resposta de “sim” ou “não”, sendo em seguida a resposta aprofundada para averiguar o seu nível de certeza, numa escala de quatro pontos (1 – não, não é verdade; 4 – sim, é totalmente verdadeiro). Relativamente ao presente estudo, é possível afirmar que as subescalas apresentam uma consistência interna satisfatória (i.e., PSP  $\alpha = .637$  e PAO  $\alpha = .672$ ).

### **3.2.2.2. Tarefa de Cópia de Figuras (Mitchell, Broeren, Newall, & Hudson, 2013).**

Na Tarefa de Cópia de Figuras solicita-se à criança que reproduza um conjunto de figuras oriundas da Figura Complexa de Rey (Meyers & Meyers, 1995) com a maior precisão possível num ensaio com duração de 1 minuto, possibilitando assim observação de comportamentos perfeccionistas auto-orientados (Mitchell, *et al.*, 2013). Para possibilitar o registo dos comportamentos, traduziu-se para Português uma Grelha de Observação do Comportamento da Criança (Mitchell, *et al.*, 2013; anexo C), onde é possível registar a frequência de comportamentos de correção e de verificação (i.e., utilização de régua e borracha e observação do livro de estímulos).

Posteriormente é realizada a análise dos seus comportamentos e indicado o nível de perfeccionismo demonstrado pela criança na realização da tarefa (“Extremamente Perfeccionista”: sujeito extremamente concentrado, uso constante de borracha/régua e observação do livro de estímulos, realizando poucas figuras; “Muito Perfeccionista”: sujeito concentrado, utilização frequente da borracha/régua e do livro de estímulos; “Moderadamente Perfeccionista”: sujeito aparenta estar concentrado, raramente recorrem à utilização de borracha/régua e ao livro de estímulos; “Ligeiramente Perfeccionista”: sujeito esforça-se para a realização da tarefa, mas não aparenta estar muito concentrado com a exatidão da cópia, utiliza a régua, mas não a borracha, recorrendo ao livro de estímulos somente o necessário; “Não Perfeccionista”: sujeito não se apresenta empenhado na realização da tarefa com exatidão, não recorre à borracha/régua, recorrendo o mínimo possível ao livro de estímulos) (Mitchell, *et al.*, 2013).

### 3.2.2.3. Tarefa de Interação (Hong, Lee, Chng, Zhou, Tsai, & Tan, 2017).

A Tarefa de Interação, aplicada primeiramente na investigação de Hong e colaboradores (2017), consiste na apresentação a cada díade mãe/pai-criança de uma tarefa de realização de puzzles denominada *Help the Ice-cream Car*. Esta tarefa recorria à utilização do jogo de tabuleiro *Rush Hour*, que consiste em movimentar os carros de brincar num tabuleiro de modo a permitir a saída do carro dos gelados. No fornecimento das diretrizes a respeito da tarefa, a criança é incentivada a tentar concluir o máximo de níveis que conseguir. Informa-se também a/o mãe/pai que, caso quisesse auxiliar o filho na realização desta tarefa, poderia fazê-lo. A tarefa tem duração de cerca de 10 minutos, e no decorrer da mesma as crianças encontravam-se acompanhadas pelos investigadores na sala.

A avaliação desta tarefa realizou-se recorrendo a uma Grelha de Observação, traduzida especificamente no âmbito deste estudo (anexo D), que possibilita qualificar e quantificar o tipo de interação que ocorreu entre mãe/pai-criança no decurso da mesma (“Tipo não Intrusivo”, e.g., “Fornece sugestões, pistas e conselhos de modo a facilitar a performance da criança”; “Tipo Ligeiramente Intrusivo”, e.g., “Dá incentivos como “sim”, “boa”, para encorajar a performance da criança”; “Tipo Moderadamente Intrusivo”, e.g., “A mãe move os carros pela criança, levanta-os ou tem comportamentos manipuladores que modificam a disposição do jogo (e.g., tentativas de acabar jogadas iniciadas pela criança, mas ainda não terminadas e tentativas de colocar os carros que estão fora dos seus locais nos seus sítios certos não são contabilizados como intrusivos). O foco materno é a conclusão da tarefa em si, em vez da compreensão e contribuição da criança na tarefa”; “Tipo Extremamente Intrusivo”, e.g., “A mãe move o carro dos gelados para a saída, completando o nível do jogo”), baseando-se no registo de comportamentos de incentivo, correção e intromissão demonstrados pelo progenitor na execução da tarefa.

### 3.3. Procedimento

#### 3.3.1. Procedimento de Recolha de Dados

Após a aprovação das autorizações para a realização do estudo pela Direção Geral de Educação (DGE), e concedida pelas Direções das sedes de Agrupamentos de ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico do distrito de Faro, foram contactados diversos estabelecimentos de ensino, públicos e privados, de modo a apurar o seu interesse no presente estudo. Realizaram-se reuniões com os diretores dos estabelecimentos de ensino, com o objetivo de sensibilizar os Diretores de Turma (DT) dos respetivos anos curriculares para a realização do estudo e a calendarização de recolha de dados.

De seguida, foram contactados todos os pais de crianças com 6 e 7 anos de idade, a partir dos DT, com o intuito de participarem e autorizarem a participação dos seus filhos através de um consentimento informado que se encontra de acordo com as diretrizes da Lei nº67/98, de 26 de outubro e no Regime Geral da Proteção de Dados (EU) 2016/679 do Parlamento Europeu. Para tal, foram entregues aos DT pedidos de autorização dirigidos aos Encarregados de Educação (EE).

O contacto com os participantes (díades pai/mãe-criança) ocorreu a partir de correio eletrónico, de modo a agendar uma sessão para realizarem as tarefas numa sala da escola, constituída por três fases distintas.

Primeiramente a criança reproduziu um conjunto de figuras provenientes da Figura Complexa de Rey (Meyers & Meyers, 1995), sendo fornecidas às presentes instruções relativamente à Tarefa de Cópia de Figuras (Mitchell, *et al.*, 2013). Previamente ao início da tarefa, a criança respondeu a uma entrevista (entrevista adaptada da escala de perfeccionismo CAPS) e receberá novamente instruções sobre a tarefa. Cada criança tinha à sua disposição dois lápis afiados, uma borracha e uma régua. O registo de informação foi efetuado no decorrer da tarefa, tendo-se procedido posteriormente a uma análise de

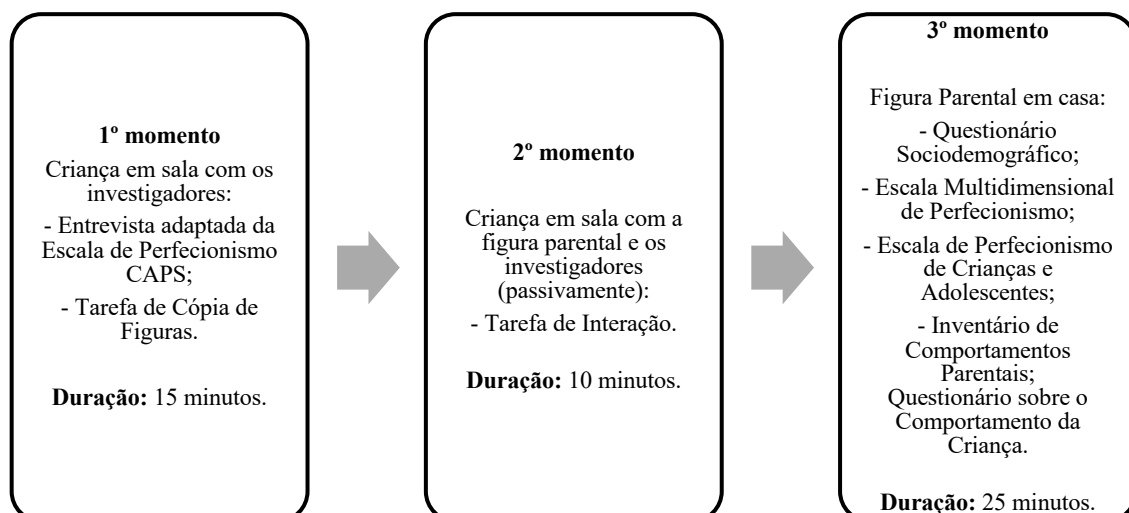
concordância entre as investigadoras. Nesta etapa apenas se encontram presentes na sala a criança e as investigadoras.

Seguidamente, cada díade mãe/pai-criança participou numa sessão de interação (Tarefa de Interação) na presença dos investigadores. Nesta, a criança deve resolver o maior número de puzzles possível, com distintos níveis de dificuldade, durante 10 minutos, nos quais a/o mãe/pai pode ajudar sempre que achar necessário. Esta tarefa tem como objetivo observar se a/o mãe/pai interfere nas tentativas de resolução de problemas da criança, independentemente das suas necessidades. Os comportamentos da criança (e.g., frustração, empenho na tarefa) e os comportamentos parentais (e.g., controlo/intromissão, fornecimento de autonomia) foram anotados numa grelha de observação separadamente por ambas as investigadoras, realizando-se posteriormente uma análise de concordância. O registo permitiu a identificação de tipos distintos de interação (i.e., não intrusivo, ligeiramente intrusivo, moderadamente intrusivo e extremamente intrusivo).

Por último, sucedeu-se à entrega do protocolo dos pais para o preenchimento do mesmo. Optou-se pela entrega após a realização da tarefa de interação devido à possibilidade de enviesamento das respostas, dada a desejabilidade social de concordância presente neste tipo de investigações.

#### Figura 4.

*Procedimento de aplicação do Protocolo dos Filhos e do Protocolo dos Pais*



### 3.3.2. Procedimento de Análise de Dados

De modo a proceder para o processamento e análise dos dados recolhidos, recorreu-se ao *software IBM SPSS Statistics* (SPSS), versão 24.0 para IOS, e ao *Microsoft Office Excel 365* (para efetuar o cálculo das estimativas das magnitudes de efeito através da fórmula para o  $d$  de Cohen (1988)). Caso a ocorrência de respostas omissas, sendo esta uma situação pontual, optou-se pela imputação de valores, optando por recorrer ao valor médio da dimensão correspondente ao item no qual a resposta se encontrava em branco. Na totalidade dos testes estatísticos realizados, a significância foi assumida sempre que  $p \leq 0.05$ .

A variável independente neste estudo é o temperamento infantil – avaliado através da CBQ-SF –, sendo as variáveis dependentes o perfeccionismo infantil – analisado através dos instrumentos Entrevista Adaptada da Escala CAPS, Escala CAPS, Tarefa de Cópia de Figuras –, o perfeccionismo parental e o comportamento parental – resultados obtidos a partir da HMPS, PBS e Tarefa de Interação.

Num primeiro momento foi realizada a caracterização da amostra, na qual foram analisados os dados fornecidos de acordo com a metodologia descritiva usual (i.e., média, desvio padrão, moda, mínimo e máximo), que descrevem a totalidade da população amostrada nos distintos momentos de avaliação. De seguida procedeu-se para a análise da confiabilidade interna dos instrumentos utilizados e as suas respetivas subescalas/dimensões. Foram efetuadas estatísticas descritivas, de modo a analisar os resultados obtidos, e correlações de *Spearman*, dada a dimensão da amostra ( $n < 30$ ), para verificar quais as relações entre as variáveis estudadas e se existem diferenças significativas. Tendo em conta a diminuta dimensão amostral, recorreu-se a estatísticas não paramétricas, nomeadamente ao Teste de Wilcoxon, que pretende comparar as medianas de amostras emparelhadas, sendo este o alternativo ao  $t$ -Student (Maroco, 2007).

Foram realizadas correlações com o objetivo de compreender se o temperamento infantil contribui para o perfeccionismo infantil, se o desenvolvimento do perfeccionismo infantil é influenciado pela presença de perfeccionismo parental. Por fim, analisámos se existia relação entre os comportamentos/perfeccionismo parental, o perfeccionismo infantil, o temperamento das crianças. O culminar dos passos mencionados permite responder aos objetivos propostos para a realização deste estudo.

#### **4. Resultados**

Com o intuito de responder aos objetivos propostos inicialmente, procedeu-se à descrição e análise dos resultados obtidos. A apresentação dos resultados será organizada em X pontos: (1) análise descritiva e correlacional entre o perfeccionismo dos pais cuidadores e o perfeccionismo das crianças; (2) análise da influência dos comportamentos parentais perfeccionistas nos níveis de perfeccionismo nas crianças; (3) análise correlacional entre os comportamentos/perfeccionismo parental, o perfeccionismo infantil e o temperamento das crianças.

##### **4.1. Análise descritiva e correlacional entre o perfeccionismo dos pais cuidadores e o perfeccionismo das crianças**

O desenvolvimento do perfeccionismo infantil deve-se, em parte, à presença do traço perfeccionista nos seus cuidadores. Tal afirmação é concordante com os resultados obtidos neste estudo.

Através dos resultados obtidos a partir da Tarefa de Cópia de Figuras realizada pela criança realça-se a presença de uma correlação negativa significativa entre o número de figuras realizadas e o nível de perfeccionismo ( $r = -.665$ ), ou seja, quanto maior o nível de perfeccionismo na tarefa, maior a precisão de cópia, o que diminui o número de figuras

concluídas pela criança. Foi possível ainda verificar que se encontra presente uma correlação positiva significativa entre o uso de régua para copiar e o nível de perfeccionismo ( $s = .503$ ).

Encontra-se presente uma correlação positiva significativa entre o número de vezes que a criança olha para o livro de estímulos e o número de figuras realizadas ( $s = .578$ ), isto é, quanto maior a quantidade de vezes que a criança observa o livro de estímulos, maior é o número de figuras realizadas. Dado que esta prova avalia o perfeccionismo auto-orientado, deve ser realçado que o resultado da correlação pode dever-se ao comportamento de verificação constante das crianças, através da observação do livro de estímulos, que quando realizado com eficiência e rapidez, permite a realização de um número elevado de figuras.

A escassa utilização da régua para copiar pode justificar a correlação negativa obtida entre esta e o número de vezes que as crianças observam o livro de estímulos ( $s = -.345$ ), ou seja, quanto maior a observação do livro de estímulos, menor a utilização de régua para copiar. Seguindo o mesmo raciocínio, afirma-se que a presença de correlações nulas, relativamente à utilização de régua para medir no decorrer da Tarefa de Cópia, deve-se à ausência de variações neste parâmetro ( $s = ,00$ ), ou seja, as crianças nunca usaram régua para medir (Tabela 3).

**Tabela 3.**

*Correlações de Spearman dos parâmetros observacionais registados na Tarefa de Cópia de Figuras (N = 18).*

	<b>N.º Figuras</b>	<b>Cópia com régua</b>	<b>Medição com régua</b>	<b>Uso de borracha</b>	<b>Observação do livro de estímulos</b>
<b>NPerfeccionismo</b>	-,665**	,503*	,00	,315	-,325
<b>N.º Figuras</b>		-,394	,00	-,402	,578*
<b>Cópia com régua</b>			,00	-,175	-,354
<b>Medição com régua</b>				,00	,00
<b>Uso de borracha</b>					-,024

*Nota:* N.º Figuras = Número de Figuras realizadas pela criança no decorrer da Tarefa de Cópia de Figuras; NPerfeccionismo = Nível de perfeccionismo obtido na tarefa; \* $p < ,05$ ; \*\* $p < ,01$ .

No seguimento da análise das provas observacionais, torna-se relevante a análise dos comportamentos parentais na totalidade da realização da Tarefa de Interação. Verificou-se que maioria das figuras parentais optam pela realização de comportamentos do Tipo Ligeiramente Intrusivo ( $M = 4,403$ ,  $DP = 1,647$ ), como o fornecimento de frases simples e incentivos para encorajar a performance da criança, e comportamentos do Tipo Não Intrusivo ( $M = 3,595$ ,  $DP = 2,104$ ), i.e., realizam perguntas abertas e não interferem diretamente nem fisicamente na tarefa.

Observou-se uma menor frequência na realização de comportamentos parentais do Tipo Moderadamente Intrusivo ( $M = 3,00$ ,  $DP = 3,384$ ), que representam movimentos manipulativos da figura parental mesmo quando a criança não apresenta dificuldades, sendo ainda menores os comportamentos do Tipo Extremamente Intrusivo ( $M = ,380$ ,  $DP = ,639$ ), nos quais os pais restringem os comportamentos da criança sem fornecer explicações adequadas ou instruções alternativas.

Apesar da possibilidade de as mesmas figuras parentais apresentarem comportamentos dos vários Tipos de comportamento, após a análise detalhada de cada grelha verificou-se que por norma os pais centram-se simultaneamente em dois tipos

específicos (i.e., o Tipo Não Intrusivo com o Tipo Ligeiramente Intrusivo e o Tipo Moderadamente Intrusivo com o Extremamente Intrusivo). Resumidamente, é possível referir que as figuras parentais optam por comportamentos de incentivo e auxílio ligeiros (i.e., fornecer diretrizes verbais, com poucas intromissões que não pretendem assumir o jogo pela criança), em vez de comportamentos de crítica e controlo, na sua maioria sem fornecer explicações à criança (Tabela 4).

**Tabela 4.**

*Estatísticas descritivas para a pontuação das dimensões do comportamento parental na Tarefa de Interação (N = 18).*

<b>Dimensão</b>	<b>M</b>	<b>Md</b>	<b>Mo</b>	<b>DP</b>	<b>Min.–Max.</b>
Não Intrusivo	3,595	3,643	4,71	2,104	,00–7,43
Ligeiramente Intrusivo	4,403	4,063	3,13	1,647	1,63–7,25
Moderadamente Intrusivo	3,000	1,750	,00	3,384	,00–11,50
Extremamente Intrusivo	,380	,167	,00	,639	,00 – 2,50

*Nota:* M = Média; Md = Mediana; Mo = Moda; DP = Desvio Padrão.

Ao comparar se existem diferenças entre o autorrelato e heterorrelato do perfeccionismo infantil, verificou-se a ausência de concordância, dado que a falta de correlação significativa entre a atribuição parental de PAO elevado aos seus filhos, não coincide com a autoatribuição dos filhos de PAO ( $s = -,195$ ). A presença destes resultados indica que, apesar de as figuras parentais cuidadoras afirmarem que se encontra nas crianças a presença de características intrapessoais que resultam na definição de padrões autoimpostos excessivamente elevados, os filhos não reconhecem em si a presença de tais características (Tabela 5).

**Tabela 5.**

*Diferenças entre o Perfeccionismo Infantil em Heterorrelato (Escala CAPS) e em Autorrelato (Entrevista CAPS) (N = 18).*

Subescalas	Autorrelato		Heterorrelato		<i>d</i>	<i>p</i>	<i>s</i>	<i>Z</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>				
<b>PAO</b>	3,472	,618	3,222	,614	,406	,437	-,195	-1,286
<b>PSP</b>	2,761	,534	3,000	,728	-,374	,255	,283	-1,417

*Nota: M = Média; DP = Desvio-Padrão; d = d de Cohen; s = Correlação de Spearman; Z = Teste de Wilcoxon para amostras emparelhadas; p = Significância; CAPS = Escala de Perfeccionismo de Crianças e Adolescentes; PSP = Perfeccionismo Socialmente Prescrito; PAO = Perfeccionismo Auto-orientado.*

Aquando a realização de comparação direta de itens correspondentes entre a Entrevista CAPS, realizada à criança, e a Escala CAPS, preenchida pela figura parental cuidadora, ambas relativas ao perfeccionismo infantil, foi possível concluir que se encontram presentes tanto correlações positivas significativas entre a perspectiva da criança e a perspectiva parental (item 8 “Tentas sempre ser o mais perfeito(a) que consegues?”, vs. alínea 1 “O meu filho(a) tenta ser perfeito em tudo o que faz”,  $s = ,579$ ; item 2 “Queres ser o(a) melhor em tudo o que fazes?” vs. alínea 1,  $s = ,640$ ), como correlações negativas significativas (item 1 “Tentas ser perfeito(a) em tudo o que fazes?” vs. alínea 2 “O meu filho(a) quer ser o(a) melhor em tudo o que faz”,  $s = -,533$ ) direcionadas para o perfeccionismo auto-orientado.

A respeito do perfeccionismo socialmente prescrito, encontram-se maioritariamente correlações negativas significativas (item 5 “A tua família espera (pensa que deves ser) perfeito(a)?” vs. alínea 10 “O meu filho(a) sente que as pessoas esperam mais de si do que ele(a) é capaz de dar”,  $s = -,491$ ), simultaneamente a correlações positivas significativas (item 6 “As pessoas esperam mais de ti do que aquilo que consegues fazer?” vs. alínea 5 “O meu filho(a) sente que há pessoas na sua vida que esperam que ele(a) seja perfeito(a)”,  $s = ,710$ ; item 7 “Achas que as outras pessoas esperam sempre que sejas perfeito(a)?” vs. alínea 5,  $s = ,601$ ).

Ao relacionar ambos os tipos de perfeccionismo (i.e., PAO e PSP), destaca-se a presença de correlações significativas entre a necessidade da criança em ser perfeita na totalidade dos seus atos e a reconhecimento parental da existência de pressão familiar para o desempenho imaculado da criança (item 5 vs. alínea 1,  $s = ,493$ ; item 3 “Sentes que tens sempre de fazer o teu melhor?” vs. alínea 8 “O meu filho sente que a sua família espera que ele(a) seja perfeito(a)”,  $s = ,423$ ).

Os resultados obtidos indicam que, tanto a perspetiva parental como a perspetiva dos filhos, a respeito de o modo como as crianças se empenham na realização de tarefas, se encontra em concordância. A presença de valores elevados, principalmente relativos ao perfeccionismo socialmente prescrito, podem indicar que as pressões externas, principalmente advindas das figuras que são significativas para as crianças (e.g., membros familiares), causam impacto no seu desempenho, podendo ser reconhecido pela criança que estas ultrapassam as suas capacidades (Tabela 6).

**Tabela 6.**

*Correlações de Spearman dos itens correspondentes entre a avaliação do Perfeccionismo Infantil em Heterorrelato (Escala CAPS) e em Autorrelato (Entrevista CAPS) (N = 18).*

Entrevista CAPS	Escala CAPS							
	Alínea 1	Alínea 2	Alínea 4	Alínea 5	Alínea 8	Alínea 10	Alínea 13	Alínea 16
<b>Item 1</b>	,127	-,533*	-,171	-,487*	-,195	-,083	-,188	-,430
<b>Item 2</b>	,640*	-,109	,105	,100	-,118	-,146	-,476*	-,035
<b>Item 3</b>	,222	-,075	,077	,316	,423	-,136	-,072	-,012
<b>Item 4</b>	,307	-,082	-,099	,172	,128	-,132	-,349	-,188
<b>Item 5</b>	,493*	-,032	-,126	,240	-,189	-,491*	-,188	-,024
<b>Item 6</b>	-,035	-,142	,094	,710**	,118	-,061	-,091	-,173
<b>Item 7</b>	,249	-,246	,138	,601**	,175	-,155	-,001	,001
<b>Item 8</b>	,579*	,056	,370	,137	,052	-,124	-,192	-,051

*Nota:* Item 1 = Tentas ser perfeito(a) em tudo o que fazes?; Item 2 = Queres ser o(a) melhor em tudo o que fazes?; Item 3 = Sentes que tens sempre de fazer o teu melhor?; Item 4 = Há pessoas na tua vida que esperam que sejas perfeito(a)?; Item 5 = A tua família espera (pensa que deves ser) perfeito(a)?; Item 6 = As pessoas esperam mais de ti do que aquilo que consegues fazer?; Item 7 = Achas que as outras pessoas esperam sempre que sejas perfeito(a)?; Item 8 = Tentas sempre ser o mais perfeito(a) que consegues?; Alínea 1 = O meu filho(a) tenta ser perfeito em tudo o que faz; Alínea 2 = O meu filho(a) quer ser o(a) melhor em tudo o que faz; Alínea 4 = O meu filho(a) sente que tem de fazer sempre o seu melhor; Alínea 5 = O meu filho(a) sente que há pessoas na sua vida que esperam que ele(a) seja perfeito(a); Alínea 8 = O meu filho sente que a sua família espera que ele(a) seja perfeito(a); Alínea 10 = O meu filho(a) sente que as pessoas esperam mais de si do que ele(a) é capaz de dar; Alínea 13 = O meu filho(a) sente que os outros esperam que ele(a) seja sempre perfeito(a); Alínea 16 = O meu filho(a) quando faz alguma coisa tem que ficar perfeita; \* $p < ,05$ ; \*\* $p < ,01$ .

Ao analisar o grau de associação entre o perfeccionismo parental (i.e., HMPS) e o perfeccionismo infantil (i.e., CAPS, Entrevista CAPS e Tarefa de Cópia de Figuras), foi possível observar a presença de correlações positivas e significativas entre o perfeccionismo parental auto-orientado e o perfeccionismo auto-orientado dos filhos ( $r = ,522$ ), e entre o perfeccionismo socialmente prescrito dos pais e o perfeccionismo auto-orientado infantil ( $r = ,475$ ).

É relevante realçar que estes resultados foram obtidos em instrumentos nos quais o seu preenchimento foi realizado pelos pais cuidadores. Não se encontraram correlações significativas entre o perfeccionismo infantil e dos progenitores quando o primeiro é autoavaliado pelas próprias crianças (i.e., na Entrevista adaptada da Escala CAPS) e o segundo autoavaliado pelas figuras parentais (i.e., no HMPS) (Tabela 7).

**Tabela 7.**

*Correlações de Spearman entre o Perfeccionismo Parental (HMPS) e o Perfeccionismo Infantil (CAPS, Entrevista CAPS e Tarefa de Cópia de Figuras) (N = 18).*

		HMPS	
		PAO	PSP
Entrevista CAPS	PAO	,142	-,069
	PSP	-,042	-,109
CAPS	PAO	,522*	,475*
	PSP	,278	,112
Tarefa Cópia de Figuras	NP	,056	,187
	Nº Figuras	-,062	-,093

*Nota:* HMPS = Escala Multidimensional do Perfeccionismo; CAPS = Escala de Perfeccionismo de Crianças e Adolescentes; Nº Figuras = Número de Figuras realizadas pela criança no decorrer da Tarefa de Cópia de Figuras; NP = Nível de perfeccionismo obtido na tarefa; PSP = Perfeccionismo Socialmente Prescrito. PAO = Perfeccionismo Auto-orientado; \* $p < ,05$ ; \*\* $p < ,01$ .

#### **4.2. Análise da influência dos comportamentos parentais perfeccionistas nos níveis de perfeccionismo nas crianças**

Relativamente aos comportamentos perfeccionistas parentais, quando correlacionados com os níveis de perfeccionismo das crianças, é possível averiguar a presença de correlações significativas entre os comportamentos parentais moderadamente intrusivos no decorrer da Tarefa de Interação e o perfeccionismo socialmente prescrito infantil na escala CAPS ( $s = ,480$ ). Porém, é também de salientar a correlação significativa entre a parentalidade opressiva e o perfeccionismo socialmente prescrito infantil na escala CAPS ( $s = ,559$ ), e a correlação significativa entre a parentalidade opressiva e comportamentos moderadamente intrusivos no decorrer da Tarefa de Interação ( $s = ,557$ ).

A obtenção de tais resultados permite relatar que na presença de comportamentos parentais, mesmo que parciais, que restrinjam, tanto verbal como fisicamente, pode facilitar o agravamento dos níveis de perfeccionismo infantil, nomeadamente a nível social (Tabela 8).

**Tabela 8.**

*Correlações de Spearman entre os Comportamentos Parentais (Tarefa de Interação e PBS) e os níveis de Perfeccionismo dos filhos (CAPS, Entrevista CAPS e Tarefa de Cópia de Figuras) (N = 18).*

		CAPS		Tarefa Cópia de Figuras		Tarefa de Interação				PBS	
		PSP	PAO	NP	Nº Figuras	TNI	TLI	TMI	TEI	PP	PO
<b>Entrevista CAPS</b>	<b>PSP</b>	,283	-,151	,165	,004	-,226	-,191	,318	,089	-,182	,266
	<b>PAO</b>	-,073	-,195	,054	,368	,217	-,296	,236	-,279	-,068	,189
<b>CAPS</b>	<b>PSP</b>		,476*	-,085	-,182	-,366	,157	,480*	,141	,242	,559*
	<b>PAO</b>			-,101	-,175	-,118	,141	,429	-,068	-,116	,465
<b>Tarefa Cópia de Figuras</b>	<b>NP</b>				-,665**	,213	,438	-,184	-,252	-,163	,049
	<b>Nº Figuras</b>					-,161	-,603**	,384	,097	-,027	-,011
<b>Tarefa de Interação</b>	<b>TNI</b>						,141	-,492*	-,472*	,170	-,239
	<b>TLI</b>							-,128	,150	,097	,104
	<b>TMI</b>								,308	,050	,557*
	<b>TEI</b>									,289	,066

*Nota:* CAPS = Escala de Perfeccionismo de Crianças e Adolescentes; PSP = Perfeccionismo Socialmente Prescrito; PAO = Perfeccionismo Auto-orientado; NP = Nível de perfeccionismo obtido na tarefa; Nº Figuras = Número de Figuras realizadas pela criança no decorrer da Tarefa de Cópia de Figuras; TNI = Tipo Não Intrusivo; TLI = Tipo Ligeiramente Intrusivo; TMI = Tipo Moderadamente Intrusivo; TEI = Tipo Extremamente Intrusivo; PBS = Inventário de Comportamentos Parentais; PP = Subescala Parentalidade Positiva; PO = Subescala Parentalidade Opressiva; \* $p < ,05$ ; \*\* $p < ,01$ .

### **4.3. Análise correlacional entre os comportamentos/perfeccionismo parental, o perfeccionismo infantil e o temperamento das crianças.**

Devido à diminuta dimensão amostral, quando correlacionados o temperamento infantil e os níveis de perfeccionismo das crianças, torna-se somente possível averiguar uma correlação negativa significativa entre os níveis temperamentais de Timidez e o número de figuras realizadas no decorrer da Tarefa de Cópia de Figuras ( $s = -,485$ ). Este resultado aponta que quanto mais elevado forem os níveis de timidez da criança, menor será o seu desempenho, efetuando assim menos figuras no decorrer da tarefa.

Apesar da escassez de valores significativos, encontram-se presentes um número elevado de correlações negativas (e.g., “Impulsividade” vs. “PSP”,  $s = -,448$ ; “Tristeza” vs. “PAO”,  $s = -,316$ ), podendo tal indicar que possivelmente quanto maior a presença de determinada dimensão do temperamento na criança, menor a probabilidade de apresentar comportamentos excessivamente perfeccionistas (Tabela 9).

**Tabela 9.**

*Correlações de Spearman entre o Temperamento Infantil (CBQ-SF) e os níveis de Perfeccionismo das crianças (Entrevista CAPS e Tarefa de Cópia de Figuras) (N = 18).*

	Entrevista CAPS		Tarefa de Cópia de Figuras	
	PSP	PAO	NP	Nº Figuras
<b>Irritabilidade/Frustração</b>	-,112	-,070	,115	-,090
<b>Foco Atencional</b>	-,241	,061	-,305	,144
<b>Aproximação/Entusiasmo</b>	-,008	-,189	,249	-,153
<b>Sensibilidade/Limiar de Resposta</b>	,163	,311	,121	,068
<b>Níveis de Atividade</b>	,012	-,257	,271	-,175
<b>Medo</b>	,053	-,162	,095	-,051
<b>Controlo Inibido</b>	-,050	,274	-,295	,188
<b>Dimensões Elevada Intensidade de CBQ-SF Prazer</b>	-,336	-,282	,115	-,095
<b>Timidez</b>	,219	,121	,416	-,485*
<b>Baixa Intensidade de Prazer</b>	,133	,094	,069	-,062
<b>Impulsividade</b>	-,448	-,276	-,046	-,210
<b>Desconforto</b>	,251	,372	-,203	,164
<b>Sorrisos/Gargalhadas</b>	-,072	-,091	-,026	-,043
<b>Tristeza</b>	-,345	-,316	,030	-,283
<b>Sensibilidade Percetiva</b>	,343	,360	-,174	,027

*Nota:* CBQ-SF = Questionário sobre o Comportamento da Criança – Versão Breve; CAPS = Escala de Perfeccionismo de Crianças e Adolescentes; Nº Figuras = Número de Figuras realizadas pela criança no decorrer da Tarefa de Cópia de Figuras; NP = Nível de perfeccionismo obtido na tarefa; PSP = Perfeccionismo Socialmente Prescrito. PAO = Perfeccionismo Auto-orientado; \* $p < ,05$ .

Propôs-se ainda a exploração da relação dos comportamentos/perfeccionismo parental e o desenvolvimento do temperamento dos filhos. Após a análise dos resultados foi possível concluir que se encontram presentes correlações negativas significativas entre a dimensão Elevada Intensidade de Prazer e a Parentalidade Positiva ( $s = -,513$ ), a Sorrisos/Gargalhadas e a Parentalidade Positiva ( $s = -,489$ ), a Baixa Intensidade de Prazer e o Perfeccionismo Socialmente Prescrito parental ( $s = -,484$ ) e a Sensibilidade Percetiva e o Perfeccionismo Socialmente Prescrito parental ( $s = -,480$ ). A obtenção destes resultados indica que quanto maior a presença destas dimensões do temperamento na criança (i.e., Elevada Intensidade de Prazer, Sorrisos/Gargalhadas), menor a execução de comportamentos parentais positivos relativamente às manifestações temperamentais das crianças. A existência de correlações negativas entre as dimensões do temperamento mencionadas (i.e., Baixa Intensidade de Prazer, Sensibilidade Percetiva), indicam que quando mais elevada for a sua presença nas crianças, menores os níveis de perfeccionismo socialmente prescrito nos pais.

O estudo obteve ainda uma correlação positiva significativa entre a dimensão do temperamento Níveis de Atividade e o Perfeccionismo Socialmente Prescrito parental ( $s = ,490$ ). Tal revela que quanto mais elevados forem os níveis de atividade da criança, maior a presença de perfeccionismo socialmente prescrito nas figuras parentais cuidadoras (Tabela 10).

**Tabela 10.**

*Correlações de Spearman entre o Temperamento Infantil (CBQ-SF) e os Comportamentos/Perfeccionismo Parental (PBS e HMPS) (N = 18).*

	PBS		HMPS	
	PP	PO	PAO	PSP
<b>Irritabilidade/Frustração</b>	-,103	,140	,230	,213
<b>Foco Atencional</b>	,144	-,389	-,189	,150
<b>Aproximação/Entusiasmo</b>	,054	,005	,067	,290
<b>Sensibilidade/Limiar de Resposta</b>	,146	-,260	-,295	-,426
<b>Níveis de Atividade</b>	-,458	-,154	,188	,490*
<b>Medo</b>	-,363	-,161	,091	-,146
<b>Controlo Inibido</b>	,093	-,421	-,236	-,455
<b>Dimensões Elevada Intensidade de Prazer CBQ-SF</b>	-,513*	,118	,285	,418
<b>Timidez</b>	,192	,264	,102	,057
<b>Baixa Intensidade de Prazer</b>	,457	-,008	-,271	-,484*
<b>Impulsividade</b>	-,150	-,108	,062	,214
<b>Desconforto</b>	,007	,175	,070	-,144
<b>Sorrisos/Gargalhadas</b>	-,489*	-,336	-,117	-,179
<b>Tristeza</b>	,037	,197	,215	,228
<b>Sensibilidade Percetiva</b>	,021	-,201	,186	-,480*

*Nota:* PBS = Inventário de Comportamentos Parentais; PP = Subescala Parentalidade Positiva; PO = Subescala Parentalidade Opressiva; HMPS = Escala Multidimensional do Perfeccionismo; PSP = Perfeccionismo Socialmente Prescrito; PAO = Perfeccionismo Auto-orientado; CBQ-SF = Questionário sobre o Comportamento da Criança – Versão Breve; \* $p < ,05$ ; \*\* $p < ,01$ .

## 5. Discussão

Apesar do aumento do interesse no estudo do perfeccionismo e, mais especificamente na sua transmissão intergeracional, ainda se encontram diversas questões por responder. A escassez de estudos com crianças e as suas figuras parentais dificulta a obtenção de resposta às questões relativas a qual a idade do surgimento de traços como o perfeccionismo, a qual a relação parental no desenvolvimento desse traço e se o

temperamento infantil auxilia à sua propagação, sendo preponderante a discussão relativa a esta temática.

De modo a dar contributo às investigações previamente realizadas e no sentido de exacerbar a disponibilidade de conhecimento empírico a respeito da transmissão intergeracional do perfeccionismo com base na influência do perfeccionismo parental e do temperamento infantil, o presente estudo pretende realçar a importância de avaliar as crianças com idades inferiores a 8 anos através de medidas de observação do perfeccionismo em situações de interação entre estas e as suas figuras parentais e a identificação de fatores parentais que influenciam o perfeccionismo infantil. Foi também testada a hipótese de o temperamento infantil ter um papel preponderante na explicação do perfeccionismo da criança. Para além disso, propusemos ainda averiguar se a relação teoricamente esperada entre o efeito do temperamento no perfeccionismo da criança é moderado pelo perfeccionismo e comportamentos parentais.

A análise dos dados sociodemográficos revelou a prevalência de crianças do sexo masculino comparativamente às do sexo feminino, encontrando-se assim presentes diferenças amostrais. Tais valores não se mostraram preponderantes para a obtenção de resultados.

Sendo a perspetiva da criança relativamente aos seus comportamentos perfeccionistas um fator importante no decorrer da totalidade deste estudo, é de realçar que ao efetuar comparações entre o perfeccionismo infantil em heterorrelato e autorrelato, a perspetiva parental do perfeccionismo dos filhos assemelha-se à ótica infantil. A obtenção destes resultados permite afirmar que o autorrelato dos seus comportamentos e crenças externas, relativas aos seus atos, é extremamente relevante para a compreensão da relação entre a ótica infantil e a visão parental a respeito do perfeccionismo nas crianças.

Apesar da concordância generalizada entre o heterorrelato e autorrelato do perfeccionismo infantil, no nosso estudo encontra-se presente uma relação negativa entre a visão da criança relativa à sua necessidade de ser perfeita na realização de tarefas e a concepção parental da mesma. Isto é, as crianças acreditam que têm de ser perfeitas na totalidade dos seus atos, enquanto as figuras parentais, na sua maioria, relatam que tal não ocorre frequentemente, e, dada a ausência dessa necessidade, não se encontram presentes consequências nocivas significativas.

Tal como em estudos realizados anteriormente, nos quais é descrito o impacto negativo do perfeccionismo na realização de tarefas, verificou-se no nosso estudo, através da Tarefa de Cópia de Figuras, que as crianças com níveis de perfeccionismo mais elevados realizam um menor número de tarefas num determinado espaço de tempo (e.g., Flett, Blankstein, & Hewitt, 2009; Frost & Marten, 1990; Mitchell, *et al.*, 2013). Dado o seu receio de falhar e não corresponder às expectativas autoimpostas, optam por aperfeiçoar a tarefa que se encontram a realizar previamente a prosseguirem para a seguinte. Contrariamente a estas, as crianças com níveis de perfeccionismo inferiores, realizaram um número superior de tarefas e apresentaram menor precisão.

Aquando avaliada a perspetiva da figura parental cuidadora a respeito do perfeccionismo parental e do perfeccionismo do seu filho, ressalta-se somente a existência de diferenças significativas entre o PAO parental e o PAO infantil. Neste, o perfeccionismo direcionado a aspetos intrapessoais relacionados com padrões irrealistas, apresenta valores mais elevados nas figuras parentais, apesar dos resultados indicarem que quanto maior o perfeccionismo parental, maior seria o perfeccionismo infantil. Estes resultados são concordantes com Mitchell e colaboradores (2013), dado que os comportamentos parentais que enfatizam a precisão e prevenção de falhas refletem-se nos comportamentos da criança, elevando os níveis de perfeccionismo da mesma.

Os resultados obtidos ao relacionar o perfeccionismo da figura parental cuidadora com o perfeccionismo dos filhos revelam que o perfeccionismo parental se encontra positivamente associado com o perfeccionismo nas crianças. Ou seja, quanto mais elevado for o nível de perfeccionismo das figuras de vinculação parentais, maior a presença de comportamentos perfeccionistas nas crianças. Estes resultados são similares aos encontrados em investigações prévias (e.g., Harvey, *et al.*, 2017; McArdle & Duda, 2008; Rice, *et al.*, 2005).

Na realização da Tarefa de Interação entre a figura parental cuidadora e o seu filho, observaram-se resultados concordantes com estudos realizados anteriormente. Segundo Flett e colaboradores (2002), a presença de comportamentos de suporte e auxílio permitem à criança alcançar níveis superiores na realização da tarefa. Todavia, tais conclusões são contrariadas no estudo de DiBartolo e Varner (2012), no qual estes não encontram diferenças significativas entre o perfeccionismo auto-orientado e o desempenho na realização de tarefas.

Igualmente à investigação de Mitchell e colaboradores (2013), os valores obtidos na presente investigação suportam a afirmação que a presença das crianças em ambientes nos quais os pais apresentam comportamentos perfeccionistas, torna-se impactante no desempenho das crianças nas tarefas, dado que apesar de aumentar o perfeccionismo observável, diminui o desempenho e a precisão. No nosso estudo os comportamentos parentais dominantes são pautados pelo incentivo e auxílio ligeiro, como verbalizar “boa!” na realização de um ato correto, do que por comportamentos maioritariamente intrusivos, direcionados para a crítica e o controlo nos quais não são fornecidas explicações à criança.

A presença de comportamentos parentais perfeccionistas, representados por verbalizações ou atos, pode ser um fator preponderante no agravamento dos níveis de perfeccionismo infantis, principalmente a nível social e auto-orientado. Esta afirmação é

suportada na maioria dos estudos mencionados na literatura (e.g., Duarte, 2014; Frost, *et al.*, 1991; Vieth & Trull, 1999; Cook & Kearney, 2009, 2014).

Neste sentido, os pais intrusivos parecem ser um fator preponderante no desenvolvimento do perfeccionismo dos filhos, dado que tanto na realização da Tarefa de Interação por nós aplicada, como no de Hong e colaboradores (2017), os comportamentos perfeccionistas das crianças foram visíveis em circunstâncias nas quais os pais não tinham um papel passivo. A presença de pais controladores muitas vezes priva os filhos de oportunidades de aprendizagem, nas quais é preponderante o cometimento de erros, num ambiente não ameaçador, podendo elevar o perfeccionismo auto-orientado nas crianças, dado que indicaram aos filhos que estes não são suficientemente bons para serem autónomos em diversos domínios da sua vida, sendo por vezes necessária a intervenção parental para obter sucesso (Hong, *et al.*, 2017). Tal pode dever-se ao facto de os filhos perfeccionistas se centrarem significativamente nas preocupações avaliativas, podendo as repreensões ligeiras das figuras parentais serem interpretadas como uma forte crítica dirigida aos próprios.

Relativamente ao temperamento infantil, verificou-se que quando efetuada a ligação entre os traços temperamentais e os níveis de perfeccionismo das crianças, revelou-se que as crianças mais tímidas apresentam um desempenho menor, nomeadamente na realização de tarefas nas quais reconhecem que se encontram a ser avaliadas. Devido ao tamanho reduzido da amostra, podemos somente especular que, tendo em conta os valores obtidos, a presença elevada de determinadas dimensões temperamentais, como a Impulsividade e a Tristeza, pode resultar numa menor probabilidade da criança apresentar comportamentos perfeccionistas desadaptativos.

Tais resultados encontram-se em concordância com o estudo de Oros e colaboradores (2017), que concluíram que os traços temperamentais infantis em

simultâneo com a presença de exigências parentais irrealistas contribuem para o desenvolvimento do perfeccionismo infantil. Contrariamente, Hong e colaboradores (2017) concluiriam que o temperamento infantil pode desenvolver perfeccionismo desadaptativo, apesar de este só se manifestar em fases posteriores do desenvolvimento, dado que na infância o temperamento é maleável.

Aquando realizada a análise do temperamento infantil e dos comportamentos/perfeccionismo parental, observou-se que na presença níveis significativos de temperamento da criança, menor é a manifestação de comportamentos parentais positivos, e que quanto menor o perfeccionismo socialmente prescrito parental, mais elevados serão os níveis de atividade da criança. Tal permite afirmar que os comportamentos e o perfeccionismo parental influenciam fortemente o desenvolvimento dos seus filhos ao longo da infância (Hong, *et al.*, 2017).

Em suma, tal como concluído por Affrunti e Woodruff-Borden (2014), no nosso estudo encontra-se presente a ideia de que os comportamentos e o perfeccionismo parental apresentam frequentemente um papel significativo na propagação do perfeccionismo dos filhos, tendo impacto por vezes no temperamento infantil.

## **6. Conclusões**

No decorrer do desenvolvimento da criança os estilos de vinculação com as figuras parentais, o temperamento infantil, a perceção que têm das suas competências e a abertura à socialização, são fatores que influenciam o aumento de traços como o perfeccionismo. Tendo em conta a revisão de literatura realizada a respeito da génese do perfeccionismo, permitiu-nos conhecer diversos fatores preponderantes para o desenvolvimento e manutenção deste traço de personalidade. Fatores como os comportamentos parentais, os ambientes nos quais a criança se insere e as suas características individuais, aparentam

contribuir para a compreensão das tendências perfeccionistas. Apesar de ser uma temática com um histórico extenso de investigação, a consensualidade dos autores relativa à importância dos fatores parentais no desenvolvimento do perfeccionismo é pouco conclusiva, contribuindo assim para o desenvolvimento deste estudo.

Este trabalho teve como principal finalidade a compreensão da transmissão intergeracional do perfeccionismo através de medidas de observação em situações de interação entre as figuras parentais cuidadoras e os seus filhos e a identificação de fatores parentais que influenciam o perfeccionismo infantil.

Globalmente, os resultados revelaram que o perfeccionismo e os comportamentos parentais são fatores preponderantes para o desenvolvimento do perfeccionismo nas crianças, ocorrendo o seu surgimento em idades inferiores a 6 anos. A testagem desta hipótese através de instrumentos de observação direta e de tarefas de interação, possibilita a obtenção de resultados mais ricos e significativos a respeito da temática. Ao avaliar o perfeccionismo parental e infantil maioritariamente a partir de observação direta em vez de somente a partir do preenchimento de escalas e questionários, torna-se possível a diminuição da manipulação dos resultados por parte dos progenitores e das crianças.

Como resultados obtidos da aplicação de instrumentos de observação, hétero e autorrelato, referem-se então a presença de concordância generalizada entre a perspetiva do perfeccionismo infantil entre os pais cuidadores e as crianças, uma relação positiva entre os níveis de perfeccionismo parentais e os níveis de perfeccionismo infantis, maioritariamente relações negativas entre o perfeccionismo infantil e os traços temperamentais nas crianças e ligações tanto positivas como negativas entre o comportamento/perfeccionismo parental e os níveis de temperamento infantis.

Como limitações deste estudo, é relevante realçar que devido à pandemia COVID-19, não nos foi possível a recolha da amostra pretendida, sendo esta uma das principais

limitações do estudo. Tal pode ter impacto nos resultados obtidos, dado que estes poderiam diferir na presença de uma amostra mais elevada. Ao recorrer a uma amostra mais elevada, torna-se ainda possível a obtenção de resultados mais abrangentes à população portuguesa, apesar dos valores obtidos no nosso estudo serem promissores. A presença de uma maior dimensão amostral permitiria ainda analisar se existe relação entre o perfeccionismo da criança e da figura parental do mesmo sexo; apesar de esta ser uma análise considerada, não foi possível a sua realização.

Apesar da investigação se centrar maioritariamente no impacto que o perfeccionismo e comportamento parental tem nos filhos, não deve ser negligenciada a possibilidade de serem os comportamentos perfeccionistas dos filhos que modificam os comportamentos dos pais. Tal possibilidade foi também considerada por Mitchell e colaboradores (2013).

A hipótese de presença de desejabilidade social das crianças, principalmente na Entrevista adaptada da Escala CAPS e no decorrer da Tarefa de Cópia de Figuras, pode inclusive ser considerada uma limitação, dada a possibilidade de enviesamento dos resultados.

A análise das distintas dimensões do temperamento tornou-se limitada, devido à dimensão amostrar, sendo, apesar dos resultados promissores, relevante a obtenção de uma amostra mais elevada de modo a possibilitar a análise mais detalhada das dimensões do temperamento. Seria ainda relevante compreender o papel moderador do perfeccionismo e comportamentos parentais entre o temperamento infantil e o perfeccionismo da criança, sendo esta análise preponderante para o aumento do conhecimento relativo à temática.

A colaboração mútua das figuras parentais e das crianças na realização desta investigação incentiva à continuidade do estudo do perfeccionismo infantil em crianças com idades inferiores a 8 anos. Apela ainda à realização de investigações longitudinais, de

modo a permitir a compreensão mais aprofundada do desenvolvimento e impacto deste traço nas crianças e nos jovens.

Apesar do conjunto de condicionantes e limitações em que decorreu o presente estudo, conclui-se que os resultados apresentados corroboram os de estudos anteriormente realizados, nos quais é afirmado que a presença de comportamentos perfeccionistas parentais e o temperamento infantil aumentam a probabilidade de desenvolvimento de perfeccionismo na criança. O estudo dá-nos indicações que este traço surge em idades inferiores a 6 anos, sendo preponderante a continuação da testagem desta hipótese em investigações futuras.

## 7. Referências Bibliográficas

- Adler, A. (1956). The neurotic disposition. In Adler, A. (Eds.), *The individual psychology of Alfred Adler: A Systematic Presentation in Selections from His Writings* (pp. 239–262). New York: Basic Books.
- Affrunti, N. W., & Woodruff-Borden, J. (2014). Perfectionism in pediatric anxiety and depressive disorders. *Clinical Child & Family Psychology Review*, *17*, 299-317. doi: 10.1007/s10567-014-0164-4
- Affrunti, N. W., & Woodruff-Borden, J. (2015). Parental Perfectionism and Overcontrol: Examining Mechanisms in the Development of Child Anxiety. *Journal of Abnormal Child Psychology*, *17*, 1-13. doi: 10.1007/s10802-014-9914-5
- Affrunti, N. W., & Woodruff-Borden, J. (2016). Negative affect and child internalizing symptoms: The mediating role of perfectionism. *Child Psychiatry & Human Development*, *47*, 358-368. doi: 10.1007/s10578-015-0571-x
- Affrunti, N. W., Gramszlo, C., & Woodruff-Borden, J. (2016). Executive function moderates the association between fearful temperament and dimensions of perfectionism. *Personality and Individual Differences*, *89*, 117-122. doi: 10.1016/j.paid.2015.10.012
- Ahadi, S. A., & Rothbart, M. K. (1994). Temperament, development and the Big Five. In Halverson C. F., Kohnstamm, G. A., & Martin R. P. (Eds.), *The developing structure of temperament and personality from infancy to adulthood* (pp. 189-207). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Allport, G. W. (1961). *Pattern and growth in personality*. New York: Holt.
- American Psychological Association. (2019). *Publication Manual of the American Psychological Association (7<sup>a</sup> ed.)*. Washington: American Psychological Association.
- Antony, M. M., & Swinson, R. P. (1998). *When perfect isn't good enough: Strategies for coping with perfectionism*. Oakland CA: New Harbinger.
- Antony, M. M., Purdon, C. L., Huta, V., & Swinson, R. P. (1998). Dimensions of perfectionism across the anxiety disorders. *Behaviour Research and Therapy*, *36*, 1143–1154. doi: 10.1016/S0005-7967(98)00083-7

- Ashbaugh, A., Antony, M. M., Liss, A., Summerfeldt, L. J., McCabe, R. E., & Swinson, R. P. (2007). Changes in perfectionism following cognitive-behavioral treatment for social phobia. *Depression & Anxiety, 24*, 169-177. doi: 10.1002/da.20219
- Bachner-Melman, R., Lerer, E., Zohar, A. H., Kremer, I., Elizur, Y., Nemanov, L., Golan, M., Blank, S., Gritsenko, I., & Ebstein, R. P. (2007). Anorexia nervosa, perfectionism, and dopamine D4 receptor (DRD4). *American Journal of Medical Genetics Part B: Neuropsychiatric Genetics, 144*, 748-756. doi: 10.1002/ajmg.b.30505
- Bandura, A. (1977). *Social Learning Theory*. Oxford, UK: Prentice-Hall.
- Barrow, J. C., & Moore, C. A. (1983). Group Interventions with Perfectionistic Thinking. *The Personnel and Guidance Journal, 61* (10), 612–615. doi: 10.1111/j.2164-4918.1983.tb00008.x
- Bates, J. E. (1989). Applications of temperament concepts. In Kohnstamm, G. A., Bates, J. E., & Rothbart, M. K. (Ed). *Temperament in childhood* (pp.322-355). Chichester: Wiley.
- Bento, C., Pereira, A. T., Saraiva, J. M., & Macedo, A. (2014). Children and Adolescent Perfectionism Scale: Validation in a Portuguese Adolescent Sample. *Psicologia, Reflexão e Crítica, 21* (2), 228-232. doi: 10.1590/1678-7153.201427203
- Biederman, J., Rosenbaum, J. F., Chaloff, J., & Kagan, J. (1995). Behavioral inhibition as a risk factor for anxiety disorders. In March, J. S. (Ed.), *Anxiety disorders in children and adolescents* (pp. 61–81). New York: Guilford Press.
- Blatt, S. J. (1995). The destructiveness of perfectionism: Implications for the treatment of depression. *American Psychologist, 50*, 1003-1020. doi: 10.1037/0003-066X.50.12.1003
- Bronfenbrenner, U. & Morris, P. (1998). The ecology of developmental processes. In Damon, W., & Lerner, R. M., (Eds.), *Theoretical models of human development – Handbook of child psychology, 4*, 993-1028. New York: Wiley.
- Burns, D. D. (1980). The perfectionist script for self-defeat. *Psychology Today, 14* (6), 34-52.
- Buss, A. H., & Plomin, R. (1984). *Temperament: Early developing personality traits*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.

- Carey, W. B., & McDevitt, S. C. (1995). *Coping with children's temperament*. New York: BasicBooks.
- Carmo, C. (2012). *A Influência do Perfeccionismo Parental, dos Estilos Parentais e dos Padrões de Vinculação no Desenvolvimento do Perfeccionismo em Jovens Adultos* (Dissertação de Doutoramento não publicada). Faro: Universidade do Algarve – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.
- Caspi, A. (2000). The child is father of the man: Personality continuities from childhood to adulthood. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78 (1), 158-172.
- Caspi, A., & Roberts, B. (2001). Personality development across the life course: The argument for change and continuity. *Psychological Inquiry*, 12 (2), 49-66. doi: 10.1207/S15327965PLI1202\_01
- Chan, D. W. (2009). Dimensionality and typology of perfectionism: The use of the Frost Multidimensional Perfectionism Scale with Chinese gifted students in Hong Kong. *Gifted Child Quarterly*, 53, 174-187.
- Chen, C., Hewitt, P. L., & Flett, G. L. (2015). Preoccupied attachment, need to belong, shame, and interpersonal perfectionism: An investigation of the Perfectionism Social Disconnection Model. *Personality and Individual Differences*, 76, 177- 182.
- Chen, C., Hewitt, P. L., & Flett, G. L. (2017). Ethnic variations in other-oriented perfectionism's associations with depression and suicide behavior. *Personality and Individual Differences*, 104, 504-509. doi: 10.1016/j.paid.2016.09.021.
- Chen, C., Hewitt, P. L., Flett, G. L., Birch, S., Cassels, T. G., & Blasberg, J. S. (2012). Insecure attachment, perfectionistic self-presentation, and social disconnection in adolescents. *Personality and Individual Differences*, 52 (8), 936-941. doi: 10.1016/j.paid.2012.02.009
- Clark, D. A., & Beck, A. T. (1999). *Scientific foundations of cognitive theory and therapy of depression*. New York, NY: Wiley.
- Cohen, J. (1988). *Statistical Power Analysis for the Behavioral Sciences (2<sup>nd</sup> ed.)*. New York: Academic Press.
- Cook, L. C., & Kearney, C. A. (2009). Parent and youth perfectionism and internalizing psychopathology. *Personality and Individual Differences*, 46 (3), 325-330. doi: 10.1016/j.paid.2008.10.029

- Cook, L. C., & Kearney, C. A. (2014). Parent perfectionism and psychopathology symptoms and child perfectionism. *Personality and Individual Differences, 70*, 1-6.
- Costa, P., Pereira, H., & Leal, I. (2012). Adaptação e desenvolvimento de um Inventário de Comportamentos Parentais. *Psychology, Community & Health, 1* (1), 108-126. doi: 10.5964/pch.v1i1.12
- Croddock, A. E., Church, W., & Sands, A. (2009). Family of origin characteristics as predictors of perfectionism. *Australian Journal of Psychology, 61*, 136-144. doi: 10.1080/00049530802239326
- Curran, T., Hill, A. P., & Williams, L. J. (2017). The relationships between parental conditional regard and adolescents' self-critical and narcissistic perfectionism. *Personality and Individual Differences, 109*, 17-22. doi: 10.1016/j.paid.2016.12.035
- Damian, L. E., Stoeber, J., Negru, O., & Băban, A. (2013). On the development of perfectionism in adolescence: Perceived parental expectations predict longitudinal increases in socially prescribed perfectionism. *Personality and Individual Differences, 55*, 688-693.
- De Pauw, S. S. W., Mervielde, I., & Leeuwen, K. G. V. (2009). How are traits related to problem behavior in preschoolers? Similarities and contrasts between temperament and personality. *The Journal of Abnormal Child Psychology, 37* (3), 309-325.
- Derryberry, D., & Rothbart, M. K. (1988). Arousal, affect, and attention as components of temperament. *Journal of Personality and Social Psychology, 55* (6), 958-966. doi: 10.1037/0022-3514.55.6.958
- DiBartolo, P. M., & Varner, S. P. (2012). How children's cognitive and affective responses to a novel task relate to the dimensions of perfectionism. *Journal of Rational Emotive & Cognitive Behavior Therapy, 30*, 62-76.
- Dickinson, M. J., & Dickinson, D.A. G. (2015). Practically perfect in every way: can reframing perfectionism for high-achieving undergraduates impact academic resilience? *Studies in Higher Education, 40* (10), 1889-1903. doi: 10.1080/03075079.2014.912625

- Domocus, I. M., & Damian, L. E. (2018). The role of parents and teachers in changing adolescents' perfectionism: A short-term longitudinal study. *Personality and Individual Differences, 131*, 244-248. doi: 10.1016/j.paid.2018.05.012
- Duarte, E. C. (2014). *A Influência do Perfeccionismo Parental e dos Estilos Parentais no Desenvolvimento do Perfeccionismo em Crianças do 3º e 3º Ciclos*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Faro: Universidade do Algarve – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.
- Egan, S., Wade, T., & Shafran, R. (2011). Perfectionism as a transdiagnostic process: A clinical review. *Clinical Psychology Review, 31* (2), 203-212. doi: 10.1016/j.cpr.2010.04.009
- Essau, C. A., Conradt, J., Sasagawa, S., & Ollendick, T. H. (2012). Prevention of anxiety symptoms in children: Results from a universal school-based trial. *Behavior Therapy, 43*, 450-464.
- Evans, D. E., & Rothbart, M. K. (1999). *Relationships between self-report Temperament measures and personality*. Oregon: University of Oregon.
- Evans, D. E., & Rothbart, M. K. (2007). Developing a model for adult temperament. *Journal of research in personality, 41* (4), 868-888.
- Evans, D. W., Leckman J. F., Carter, A., Reznick, J. S., Henshaw, D., King, R. A., & Pauls, D. (1997). Ritual, habit and perfectionism: The prevalence and development of compulsive-like behavior in normal young children. *Child Development, 68*, 58-68.
- Evans, D., & Rothbart, M. (2009). A two-factor model of temperament. *Personality and Individual Differences, 47*, 565-570. doi: 10.1016/j.paid.2009.05.010
- Evans, D., & Rothbart, M. K. (2008). Temperamental sensitivity: Two constructs or one? *Personality and Individual Differences, 44*, 108-118. doi: 10.1016/j.paid.2007.07.0166
- Fletcher, K. L., & Speirs Neumeister, K. (2012). Research on Perfectionism and Achievement Motivation: Implications for Gifted Students. *Psychology in Schools, 49* (7), 668-677. doi: 10.1002/pits.21623
- Flett, G. L., & Hewitt, P. L. (2002). *Perfectionism: Theory, research, and treatment*. Washington DC: American Psychological Association.

- Flett, G. L., & Hewitt, P. L. (2012). Perfectionism and cognitive factors in distress and dysfunction in children and adolescents: Introduction to the special issue. *Journal of Rational-Emotive and Cognitive-Behavior Therapy*, 30, 53-61.
- Flett, G. L., & Hewitt, P. L. (2014). A proposed framework for preventing and promoting resilience and mental health among vulnerable children and adolescents. *Psychology in the Schools*, 51, 899-912.
- Flett, G. L., & Hewitt, P. L. (2014). The multidimensional assessment of perfectionistic automatic thoughts: A commentary on Stoeber, Kobori, and Brown. *Assessment*. doi: 10.1177/1073191114550676
- Flett, G. L., Blankstein, K. R., & Hewitt, P. L. (2009). Perfectionism, performance, and state positive affect and negative affect after a classroom test. *Canadian Journal of School Psychology*, 24, 4-18.
- Flett, G. L., Coulter, L., Hewitt, P. L., & Nepon, T. (2011). Perfectionism, rumination, worry, and depressive symptoms in early adolescents. *Canadian Journal of School Psychology*, 26, 159-176. doi: 10.1177/0829573511422039
- Flett, G. L., Hewitt, P. L., Blankstein, K. R., & O'Brien, S. (1991). Perfectionism and Learned Resourcefulness in Depression and Self-esteem. *Personality and Individual Differences*, 12 (1), 61-68.
- Flett, G. L., Hewitt, P. L., Boucher, D. J., Davidson, L. A., & Munro, Y. (2001). *The Child and Adolescent Perfectionism Scale: Development, Validation and Association with Adjustment* (Unpublished manuscript). Canada: University of Columbia, Department of Psychology.
- Flett, G. L., Hewitt, P. L., Oliver, J. M., & MacDonald, D. (2002). Perfectionism in children and their parents: A developmental analysis. In Flett, G. L., & Hewitt, P. L. (Eds.). *Perfectionism: Theory, Research, and Treatment* (pp. 89-132). Washington DC: American Psychological Association.
- Flett, G., & Hewitt, P. L. (2014). A proposed framework for preventing perfectionism and promoting resilience and mental health among vulnerable children and adolescents. *Psychology in the Schools*, 51 (9), 899-912. doi: 10.1002/pits.21792
- Fong, R. W., & Yuen, M. (2014). Perfectionism and Chinese Gifted Learners. *Roeper Review*, 36 (2), 81-91. doi: 10.1080/02783193.2014.884202.

- Fredrickson, B. L., & Joiner, T. (2002). Positive emotions trigger upward spirals toward emotional well-being. *Psychological science, 13*, 172-175. doi: 10.1111/1467-9280.00431
- Frost, R. O., & Marten, P. A. (1990). Perfectionism and evaluative threat. *Cognitive Therapy and Research, 14*, 559–572.
- Frost, R. O., Lahart, C. M., & Rosenblate, R. (1991). The Development of Perfectionism: A Study of Daughters and Their Parents. *Cognitive Therapy and Research, 15* (6), 469-489.
- Frost, R. O., Marten, P., Lahart, C., & Rosenblate, R. (1990). The dimensions of perfectionism. *Cognitive Therapy and Research, 14* (5), 449-468. doi: 10.1007/BF01172967
- Gartstein, M. A., & Rothbart, M. K. (2003). Studying infant temperament via the revised infant behavior questionnaire. *Infant Behavior and Development, 26* (1), 64-86.
- Goldsmith, H. H., & Rothbart, M. K. (1991). Contemporary instruments for assessing early temperament by questionnaire and in the laboratory. In Strelau, J., & Angeleitner, A. (Eds.). *Explorations in temperament: International perspectives on theory and measurement* (pp. 249-272). New York: Plenum.
- Gong, X., Fletcher, K. L., & Bolin, J. H. (2015). Dimensions of Perfectionism Mediate the Relationship Between Parenting Styles and Coping. *Journal of Counseling & Development, 93*, 259-268.
- Hamachek, D. E. (1978). Psychodynamics of normal and neurotic perfectionism. *Psychology: A journal of Human Behavior, 15* (1), 27-33.
- Hansenne, M. (2004). *Psicologia da Personalidade – 1ª edição*. Lisboa: Climepsi.
- Harvey, A. G., Watkins, E., Mansell, W., & Shafran, R. (2004). Cognitive behavioral processes across psychological disorders: A transdiagnostic approach to research and treatment. *Oxford Oxford University Press*, 365. doi: 10.1002/erv.647
- Harvey, B. C., Moore, A. M., & Koestner, R. (2017). Distinguishing self-oriented perfectionism-striving and self-oriented perfectionism-critical in school-aged children: Divergent patterns of perceived parenting, personal affect and school performance. *Personality and Individual Differences, 113*, 136-141. doi: 10.1016/j.paid.2017.02.069

- Hewitt, P. L., & Flett, G. L. (1991). Perfectionism in the self and social contexts: Conceptualization, assessment, and association with psychopathology. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60 (3), 456-470. doi: 10.1037/0022-3514.60.3.456
- Hewitt, P. L., Caelian, C. F., Flett, G. L., Sherry, S. B., Collins, L., & Flynn, C. A. (2002). Perfectionism in children: Associations with depression, anxiety, and anger. *Personality and Individual Differences*, 32 (6), 1049-1061. doi: 10.1016/S0191-8869(01)00109-X
- Hewitt, P. L., Flett, G. L., & Mikail, S. F. (2017). *Perfectionism: A relational approach to conceptualization, assessment, and treatment*. New York: Guildford Press.
- Hewitt, P. L., Flett, G. L., Besser, A., Sherry, S. B., & McGee, B. (2003). Perfectionism is multidimensional: A reply to Shafran, Cooper, and Fairburn. *Behavior research and therapy*, 41, 1221-1236.
- Hewitt, P. L., Flett, G. L., Sherry, S. B., & Caelian, C. (2006). Trait perfectionism dimensions and suicidal behavior. In Ellis, T. (Eds.), *Cognition and suicide: Theory, research, and therapy* (pp. 215-235). Washington, DC, US: American Psychological Association.
- Hibbard, D. R., & Walton, G. E. (2014). Exploring the Development of Perfectionism: The Influence of Parenting Style and Gender. *Social Behavior and Personality: An International Journal*, 42 (2), 269-278. doi: 10.2224/sbp.2014.42.2.269
- Hollender, M. H. (1978). Perfectionism, a neglected personality trait. *Journal of Clinical Psychiatry*, 39, 384.
- Hong, R. Y., Lee, S. S., Chng, R. Y., Zhou, Y., Tsai, F.F., & Tan, S. H. (2017). Developmental Trajectories of Maladaptive Perfectionism in Middle Childhood. *Journal of Personality*, 85 (3), 409-422. doi: 10.1111/jopy.12249
- Horney, K. (1945). *Our inner conflicts: A Constructive Theory of Neurosis*. New York City: W. W. Norton & Co.
- Horney, K. (1972). *A Personalidade Neurótica de Nosso Tempo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Huggins, L., Davis, M. C., Rooney, R., & Kane, R. (2008). Socially prescribed and self-oriented perfectionism as predictors of depressive diagnosis in preadolescents.

- Australian Journal of Guidance and Counselling*, 18, 182-194. doi: 10.1375/ajgc.18.2.182
- Kenney-Benson, G. A., & Pomerantz, E. M. (2005). The role of mothers' use of control in children's perfectionism: Implications for the development of children's depressive symptoms. *Journal of Personality*, 73, 23-46. doi: 10.1111/j.1467-6494.2004.00303.x
- Kiamanesh, P., Dieserud, G., Dyregriv, K., & Haavind, H. (2015). Maladaptive Perfectionism: Understanding the Psychological Vulnerability to Suicide in Terms of Developmental History. *OMEGA – Journal of Death and Dying*, 71 (2), 126-145. doi: 10.1177/0030222815570592
- Kiss, M. Fechete, G., Pop, M., & Susa, G. (2014). Early childhood self-regulation in context: Parental and familial environmental influences. *Cognitive, Creier, Comportament*, 18 (1), 55.
- Klein, V. C., & Linhares, M. B. (2010). Temperamento e desenvolvimento da criança: revisão sistemática da literatura. *Psicologia em estudo*, 15 (4), 821-829.
- Ko, A., Hewitt, P. L., Cox, D., Flett, G. L., & Chen, C. (2019). Adverse parenting and perfectionism: A test of the mediating effects of attachment anxiety, attachment avoidance, and perceived defectiveness. *Personality and Individual Differences*, 150 (1), 1-6. doi: 10.1016/j.paid.2019.06.017
- Kobori, O., Yamagata, S., & Kijima, N. (2005). The relationship of temperament multidimensional perfectionism trait. *Personality and Individual Differences*, 38 (1), 203-211.
- Kochanska, G. (1991). Socialization and temperament in the development of guilt and conscience. *Child Development*, 62, 1379-1392.
- Lerner, J. V., & Lerner, R. M. (1983). Temperament and adaptation across life: Theoretical and empirical issues. In Baltes, P. B., & Brim, O. G. (Eds.). *Life-span development and behavior* (pp.197-231). New York: Academic Press.
- Linhares, M. B., Dualibe, A. L., & Cassiano, R. G. (2013). Temperamento de crianças na abordagem de Rothbart: Estudo de revisão sistemática. *Psicologia em Estudo*, 18 (4), 633-645. doi: 10.1590/S1413-73722013000400006

- Lozano, L. M., Valor-Segura, I., & Lozano, L. (2015). Could a perfectionism context produce unhappy children? *Personality and Individual Differences*, *80*, 12-17. doi: 10.1016/j.paid.2015.01.022
- Macedo, A. (2012). Aspectos Desenvolvimentais do Perfeccionismo. In Macedo A. F. (Eds.) *Ser ou Não Ser (Perfeito)? Perfeccionismo e Psicopatologia* (pp. 45- 53). Lisboa: Lidel.
- Madjar, N., Voltsis, M., & Weinstock, M. P. (2015). The roles of perceived parental expectation and criticism in adolescents' multidimensional perfectionism and achievement goals. *Educational Psychology*, *35* (6), 765-778. doi: 10.1080/01443410.2013864756.
- Maricutoiu, L. P., Magurean, S., & Tulbure, B. T. (2019). Perfectionism in a transdiagnostic context: An investigation of the criterion validity of the almost perfect scale-revised. *Journal of Psychological Assessment*, 1-11. doi: 10.1027/1015-5759/a000541
- Maroco, J. (2007). *Análise Estatística – Com Utilização do SPSS (3.ª ed.)*. Lisboa: Edições Sílabo, LDA.
- Matthews, G., Deary, I., & Whiteman, M. (2009). *Personality Traits – 3<sup>rd</sup> edition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- McArdle, S., & Duda, J. L. (2008). Exploring the etiology of perfectionism and perceptions of self-worth in young athletes. *Social Development*, *17* (4), 980- 997.
- Meyers, J., & Meyers, K. (1995). Rey Complex Figure Test under four different administration procedures. *Clinical Neuropsychologist*, *9*, 63-67.
- Mitchell, J. H., Broeren, S., Newall, C., & Hudson, J. L. (2013). An experimental manipulation of maternal perfectionistic anxious rearing behaviors with anxious and non-anxious children. *Journal of Experimental Child Psychology*, *116* (1), 1-18. doi: 10.1016/j.jecp.2012.12.006
- Morris, L., & Lomax, C. (2014). Assessment, development, and treatment of childhood perfectionism: A systematic review. *Child and Adolescent Mental Health*, *19* (4), 225-234.
- Oros, L. B. (2014). Nuevo cuestionario de emociones positivas para niños. *Anales de Psicología*, *30*, 522-529.

- Oros, L. B., Iuorno, O., & Serppe, M. (2017). Child perfectionism and its relationship with personality, excessive parental demands, depressive symptoms and experience of positive emotions. *The Spanish Journal of Psychology*, 20 (9), 1-13. doi: 10.1017/sip.2017.9
- Pannhausen, S., Klug, K., Rohrmann, S. (2020). Never good enough: The relation between the impostor phenomenon and multidimensional perfectionism. *Current Psychology*, 1-14. doi: 10.1007/s12144-020-00613-7
- Pellerone, M., Lacolino, C., Mannino, G., Formica, I., & Zabbara, S. M. (2017). The influence of parenting on maladaptive cognitive schema: a cross-sectional research on a group of adults. *Psychology Research and Behavior Management*, 10, 47-58. doi: 10.2147/PRBM.S117371.
- Perera, M. J., & Chang, E. C. (2015). Ethnic Variations Between Asian and European Americans in Interpersonal Sources of Socially Prescribed Perfectionism: It's Not Just About Parents! *Asian American Journal of Psychology*, 6 (1), 31-37. doi: 10.1037/a0036175
- Piotrowski, K. (2020). How good it would be to turn back time: Adult attachment and perfectionism in mothers and their relationships with the processes of parental identity formation. *Psychologica Belgica*, 60 (1), 55-72. doi: 10.5334/pb.492
- Posner, M. I., & Rothbart, M. K. (2007). *Educating the human brain*. Washington, D. C.: American Psychological Association.
- Posner, M., & Rothbart, M. K. (2009). Toward a physical basis of attention and self-regulation. *Physics of Life Reviews*, 6 (2), 103-1120. doi: 10.1016/j.plrev.2009.02.001
- Putnam, S. P., & Rothbart, M. K. (2006). Development of short and very short forms of the children's behavior questionnaire. *Journal of Personality Assessment*, 87, 102-112. doi: 10.1207/s15327752jpa701\_09
- Putnam, S. P., Ellis, L. K., & Rothbart, M. K. (2001). The structure of temperament from infancy to adolescence. In Eliaz, A., & Angleitner, A. (Eds.). *Advances in research of temperament* (pp. 165-182). Lingerich: Pabst Scientific.
- Rapee, R. M. (1997). Potential role of childrearing practices in the development of anxiety and depression. *Clinical Psychology Review*, 17, 47-67.

- Richter, J., Eisemann, M., & Richter, G. (2000). Temperament and character during the course of unipolar depression among inpatients. *European Archives of Psychiatry and Clinical Neuroscience*, 250, 40-47.
- Roberts, B. W., & DelVecchio, W. F. (2000). The rank-order consistency of personality traits from childhood to old age: A quantitative review of longitudinal studies. *Psychological Bulletin*, 126 (1), 3.
- Roberts, B., Walton, K., & Viechtbauer, W. (2006). Patterns of mean-level change in personality traits across the life course: A meta-analysis of longitudinal studies. *Psychological Bulletin*, 132 (1), 1-25. doi: 10.1037/0033-2909.132.1.1
- Rothbart, M. K. (1981). Measurement of temperament in infancy. *Child Development*, 52, 569-578.
- Rothbart, M. K. (1986). Longitudinal observation of infant temperament. *Development Psychology*, 22, 356-365.
- Rothbart, M. K. (1989). Temperament and development. In Kohnstamm, G. A., Bates, J. E., & Rothbart, M. K. (Eds.). *Temperament in childhood* (pp. 187-247). New York: Wiley.
- Rothbart, M. K. (1999). Temperament, fear, and shyness. In Schmidt, L. A., & Schulkin, J. (Eds.). *Extreme fear, shyness and social phobia: Origins, biological mechanisms, and clinical outcomes* (pp. 88-93). New York: Oxford University Press.
- Rothbart, M. K. (2004). Commentary: Differentiated measures of temperament and multiple pathways to childhood disorders. *Journal of Clinical Child and Adolescence Psychology*, 33 (1), 82-87.
- Rothbart, M. K. (2007). Temperament, Development, and Personality. *Current Directions in Psychological Science*, 16 (4), 207-212. doi: 10.1111/j.1467-8721.2007.00505.x
- Rothbart, M. K. & Bates, J. E. (1998). Temperament. In Damon W., & Eisenberg N. (Eds.), *Social, emotional and personality development* (5<sup>th</sup> ed., pp.105-176). New York: John Wiley and Sons.
- Rothbart, M. K., & Bates, J. E. (2006). Temperament. In Damon, W., & Eisenberg, N. (Eds.). *handbook of child psychology: Social emotional and personality development*, 6<sup>th</sup> ed., vol. 3 (pp. 99-166). New York: John Wiley and Sons.

- Rothbart, M. K., & Bates, J. E. (2006). Temperament. In Eisenberg, N., Damon, W., & Lerner, R. M. (Eds.). *Handbook of child psychology, vol. 3: Social, emotional, and personality development – 6<sup>th</sup> ed.* (pp. 99-166). Hoboken, NJ: Wiley.
- Rothbart, M. K., & Derryberry, D. (1981). Development of individual differences in temperament. In Lamb, M. E., & Brown, A. L. (Eds.). *Advances in developmental psychology, vol I* (pp. 37-86). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Rothbart, M. K., Ahadi, S. A., & Evans, D. E. (2000). Temperament and personality: Origins and outcomes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78, 122- 135. doi: 10.1037/0022-3514.78.1.122
- Rothbart, M. K., Ahadi, S. A., Hershey, K. L., & Fisher, P. (2001). Investigation of Temperament at Three to Seven Years: The Children's Behavior Questionnaire. *Child Development*, 72 (5), 1394-1408.
- Rothbart, M. K., Derryberry, D., & Posner, M. I. (1994). A psychobiological approach to the development of temperament. *Temperament: Individual differences at the interface of biology and behavior*, 83-116.
- Rothbart, M.K., Shesse, B.E., & Posner, M.I. (2007). Executive attention and effortful control: Linking temperament, brain networks, and genes. *Child Development Perspectives*, 1 (1), 2-7. doi: 10.1111/j.1750-8606.2007.00002
- Rubin, K. H., Burgess, K. B., Dwyer, K. M., & Hastings, P. D. (2003). Predicting preschoolers' externalizing behaviors from toddler temperament, conflict, and maternal negativity. *Developmental Psychology*, 39, 164–176.
- Sanson, A., Hemphill, S., & Smart, D. (2002). Temperament and social development. In Smith P. K., & Hart, C. H. (Eds.), *Handbook of childhood social development* (pp. 97-116). London: Blackwell.
- Santos, G. E. (2001). *Proposta de Intervenção com pais agressores: Uma perspectiva em Educação Especial*. (Dissertação não publicada). São Paulo: RI-UFSCar, Programa de Pós-Graduação em Educação Especial.
- Schwebel, D. C., & Plumert, J. M. (1999). Longitudinal and concurrent relations among temperament, ability estimation and injury proneness, *Child Development*, 70, 700-712.
- Senderey, E., & Papps, F. A. (2020). The relationship of perfectionism to Mindfulness-Based Self-Efficacy, distress, and procrastination: Testing a Model in an

- Undergraduate Student Samples. *Australian College of Applied Psychology Conference*, 1-36.
- Shafran, R., Cooper, Z., & Fairburn, C. G. (2002). Clinical Perfectionism: A Cognitive-Behavioral Analysis. *Behavior Research and Therapy*, 40 (7), 773-791.
- Shiner, R. L., Buss, K. A., McClowry, S. G., Putnam, S. P., Saudino, K. J., & Zentner, M. (2012). What Is Temperament Now? Assessing Progress in Temperament Research on the Twenty-Fifth Anniversary of Goldsmith et al. (1987). *Child Development Perspectives*, 6 (4), 436-444.
- Soares, M. J., Gomes, A. A., Macedo, A. F., & Azevedo, M. H. P. (2003). Escala Multidimensional De Perfeccionismo: Adaptação à População Portuguesa. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 5 (1), 46-55.
- Soenens, B., Elliot, A. J., Goossens, L., Vansteenkiste, M., Luyten, P., & Duriez, B. (2005). The intergenerational transmission of perfectionism: Parents' psychological control as an intervening variable. *Journal of Family Psychology*, 19, 358-366.
- Soenens, B., Luyckx, K., Vansteenkiste, M., Luyten, P., Duriez, B., & Goossens, L. (2008). Maladaptive perfectionism as an intervening variable between psychological control and adolescent depressive symptoms: A three-wave longitudinal study. *Journal of Family Psychology*, 22, 465-474.
- Stoeber, J. (2012). Perfectionism and performance. In Murphy, S. M. (Eds.). *Oxford handbook of sport and performance psychology* (pp. 294-306). New York: Oxford University Press.
- Suh, H., Sohn, H., Kim, T., & Lee, D. (2019). A review and meta-analysis of perfectionism interventions: Comparing face-to-face with online modalities. *Journal of Counseling Psychology*, 66, 473-486. doi: 10.1037/cou0000355
- Tong, Y., & Lam, S. (2011). The Cost of Being Mother's Ideal Child: The Role of Internalization in the Development of Perfectionism and Depression. *Social Development*, 20 (3), 504-516. doi: 10.1111/j.1467-9507.2010.00599.x
- Tozzi, F., Aggen, S. H., Neale, B. M., Anderson, C. B., Mazzeo, S. E., Neale, M. C., & Bulik, C. M. (2004). The structure of perfectionism: A twin study. *Behavior Genetics*, 34, 483-494. doi: 10.1023/B:BEGE.0000038486.47219.76

- Ulu, I. P., & Tezer, E. (2010). Adaptive and Maladaptive Perfectionism, Adult Attachment, and Big Five Personality Traits. *The Journal of Psychology, 144* (4), 327-340. doi: 10.1080/00223981003784032
- Van Leeuwen, K. G., & Vermulst, A. A. (2004). Some Psychometric Properties of the Ghent Parental Behavior Scale. *European Journal of Psychological Assessment, 20* (4), 283-298. doi: 10.1027/1015-5759.20.4.283
- Vieth, A. Z., & Trull, T. J. (1999). Family Patterns of Perfectionism: An Examination of College Students and Their Parents. *Journal of Personality Assessment, 72* (1), 49-67.
- Wu, K. D., & Cortesi, G. T. (2009). Relations between perfectionism and obsessive-compulsive symptoms: Examination of specificity among the dimensions. *Journal of Anxiety Disorders, 23*, 292-400. doi: 10.1016/j.janxdis.2008.11.006
- Zahn-Waxler, C., Klimes-Dougan, B., & Slattery, M. J. (2000). Internalizing problems of childhood and adolescence: Prospects, pitfalls, and progress in understanding the development of anxiety and depression. *Development and Psychopathology, 12*, 443-466.

## **Anexos**

## **Anexo A. Consentimento Informado**

Exm.<sup>o(a)</sup> Sr.(a) Encarregado de Educação

No âmbito de uma investigação do Departamento de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Algarve, sobre a Relação Parental na Aprendizagem, foi efetuado um pedido de autorização ao Conselho Executivo da Escola E.B. 1..., para que os alunos e os pais, caso assim o desejem, possam colaborar neste estudo.

O presente documento visa informar os encarregados de educação da forma como são tratados os seus dados e recolher consentimento para a finalidade do estudo.

Este estudo tem como **objetivo** compreender a importância da relação parental no modo como o aluno lida com o sucesso e insucesso na aprendizagem, tendo como principal **finalidade** a definição de estratégias que promovam o bem-estar da criança no seu percurso escolar.

Caso deseje participar, o seu contributo consistirá no preenchimento de um **protocolo** de resposta, em formato lápis e papel, e, na participação de uma **atividade lúdica** com o seu filho em contexto escolar, na presença do investigador responsável.

A sua participação é **voluntária**. Mesmo iniciado o processo de colaboração poderá desistir a qualquer momento.

A qualquer momento da sua participação é garantido o **direito de acesso**, atualização, retificação, eliminação, portabilidade, limitação e apagamento dos seus dados pessoais. O exercício destes direitos ou qualquer esclarecimento sobre os procedimentos deste estudo poderá ser realizado através do seguinte endereço eletrónico, [cgcarmo@ualg.pt](mailto:cgcarmo@ualg.pt).

Todos os dados pessoais recolhidos são **armazenados** numa base de dados de acesso exclusivo do responsável da investigação. Os resultados estatísticos, obtidos a partir dos dados pessoais anonimizados, são unicamente utilizados no âmbito do presente estudo.

Os dados recolhidos são **conservados** pelo período de tempo necessário ao cumprimento da finalidade deste estudo, sendo utilizados e tratados apenas para a finalidade do mesmo. Todos os dados recolhidos são tratados de forma **confidencial** e **anónima**.

**Caso autorize** que o seu educando participe no estudo, pedimos-lhe, por favor, que devolva, na próxima semana, esta carta ao Professor Titular de turma, bastando para isso preencher a parte inferior da folha com o nome do seu educando e assinando por baixo.

Muito obrigada pela sua colaboração,

Cláudia Carmo e Carolina Martins  
Universidade do Algarve  
[cgcarmo@ualg.pt](mailto:cgcarmo@ualg.pt)

.....  
Eu, \_\_\_\_\_, encarregado de educação de \_\_\_\_\_ declaro ter tomado conhecimento da presente informação e expreso o meu consentimento, assinando o presente documento.

Faro, \_\_\_/\_\_\_/20\_\_\_\_\_

(Assinatura do Encarregado de Educação)

**Anexo B. Entrevista adaptada da Escala de Perfeccionismo de Crianças e Adolescentes**

**Entrevista adaptada da Escala de Perfeccionismo de Crianças e Adolescentes**  
(CAPS; Flett, Hewitt, Boucher, Davidson, & Munro, 2001; Nichols, Damiano, Gregg, Wertheim, & Paxton, 2018)  
(Traduzido por Oliveira, Faisca, & Carmo, 2019)

**Sim    Não**

**Mais ou menos verdade    Mesmo verdade**

**Estás mesmo a fazer um excelente trabalho ao responder a todas as minhas questões sobre o que uma criança de 6 anos pensa**

Q. 14.a. Tentas ser perfeito(a) em tudo o que fazes?	
<b>14.1b</b>	Isso é mais ou menos verdade ou mesmo verdade?
<i>Inseguro</i>	INCENTIVO: <b>"Queres que faça novamente a pergunta? Lembra-te de que não existem respostas certas ou erradas, é só sobre o que pensas"</b> Redefinir perfeito quando necessário como <b>"Perfeito é fazer tudo certo"</b> AINDA INSEGURO: "Não tens a certeza? Não faz mal, podemos passar para a próxima pergunta" Ir para <a href="#">Q.14.2</a>
Q. 14.2a Queres ser o(a) melhor em tudo o que fazes?	
<b>14.2b</b>	Isso é mais ou menos verdade ou mesmo verdade?
<i>Inseguro</i>	INCENTIVO: <b>"Queres que faça novamente a pergunta? Lembra-te de que não existem respostas certas ou erradas, é só sobre o que pensas"</b> AINDA INSEGURO: "Não tens a certeza? Não faz mal, podemos passar para a próxima pergunta" Ir para <a href="#">Q.14.3</a>
Q. 14.3a Sentes que tens sempre de fazer o teu melhor?	
<b>14.3b</b>	Isso é mais ou menos verdade ou mesmo verdade?
<i>Inseguro</i>	INCENTIVO: <b>"Queres que faça novamente a pergunta? Lembra-te de que não existem respostas certas ou erradas, é só sobre o que pensas"</b> AINDA INSEGURO: "Não tens a certeza? Não faz mal, podemos passar para a próxima pergunta" Ir para <a href="#">Q.14.4</a>
Q. 14.4a Há pessoas na tua vida que esperam que sejas perfeito(a)? (que pensem que devas ser perfeito(a))	
<b>14.4b</b>	Isso é mais ou menos verdade ou mesmo verdade?
<i>Inseguro</i>	INCENTIVO: <b>"Queres que faça novamente a pergunta? Lembra-te de que não existem respostas certas ou erradas, é só sobre o que pensas"</b> AINDA INSEGURO: "Não tens a certeza? Não faz mal, podemos passar para a próxima pergunta" Ir para <a href="#">Q.14.5</a>
Q. 14.5a A tua família espera (pensa que deves ser) que sejas perfeito(a)?	
<b>14.5b</b>	Isso é mais ou menos verdade ou mesmo verdade?
<i>Inseguro</i>	INCENTIVO: <b>"Queres que faça novamente a pergunta? Lembra-te de que não existem respostas certas ou erradas, é só sobre o que pensas"</b> AINDA INSEGURO: "Não tens a certeza? Não faz mal, podemos passar para a próxima pergunta" Ir para <a href="#">Q.14.6</a>
Q. 14.6a As pessoas esperam mais de ti do que aquilo que consegues fazer?	
<b>14.6b</b>	Isso é mais ou menos verdade ou mesmo verdade?
<i>Inseguro</i>	INCENTIVO: <b>"Queres que faça novamente a pergunta? Lembra-te de que não existem respostas certas ou erradas, é só sobre o que pensas"</b> AINDA INSEGURO: "Não tens a certeza? Não faz mal, podemos passar para a próxima pergunta" Ir para <a href="#">Q.14.7</a>
Q. 14.7a Achas que as outras pessoas esperam sempre que sejas perfeito(a)?	
<b>14.7b</b>	Isso é mais ou menos verdade ou mesmo verdade?
<i>Inseguro</i>	INCENTIVO: <b>"Queres que faça novamente a pergunta? Lembra-te de que não existem respostas certas ou erradas, é só sobre o que pensas"</b> AINDA INSEGURO: "Não tens a certeza? Não faz mal, podemos passar para a próxima pergunta" Ir para <a href="#">Q.14.8</a>
Q. 14.8a Tentas sempre ser o mais perfeito(a) que consegues?	
<b>14.8b</b>	Isso é mais ou menos verdade ou mesmo verdade?
<i>Inseguro</i>	INCENTIVO: <b>"Queres que faça novamente a pergunta? Lembra-te de que não existem respostas certas ou erradas, é só sobre o que pensas"</b> AINDA INSEGURO: "Não tens a certeza? Não faz mal, podemos passar para a próxima pergunta"

**Anexo C. Grelha de Observação do Comportamento da Criança e Estímulos  
utilizados na Tarefa de Cópia de Figuras**

### Grelha de Observação do Comportamento da Criança – Tarefa de Cópia de Figuras

(Mitchell, Broeren, Newall, & Hudson, 2013)

(Traduzido e adaptado por Oliveira, Faísca, & Carmo, 2019)

<b>Perfeccionismo Auto-orientado</b>	5	4	3	2	1
	Extremamente perfeccionista	Muito perfeccionista	Moderadamente perfeccionista	Ligeiramente perfeccionista	Não perfeccionista

Tempo recorde para cada figura (desenhar 2 linhas "II" quando o tempo acabar)

Início	Fig 1	Fig 2	Fig 3	Fig 4	Fig 5	Fig 6	Fig 7	Fig 8	Fig 9

Contagem da frequência dos vários comportamentos

		Ocorre (S/N)	Nº de vezes	Instâncias de comportamento (O tempo do início e do fim adicionado ao tempo total)	Tempo total
Uso da régua	(Copiar)				
	(Medir)				
Uso da borracha					
Olhar para o livro de estímulos					

Verbalizações da criança:

---



---



---











---



---

**Tabela 2.***Estímulos utilizados na Tarefa de Cópia de Figuras.*

<b>Ordem de apresentação</b>	<b>Estímulo de Exemplo</b>	<b>Estímulos</b>
1		
2		
3		
4		
5		
6		
7		

**Anexo D. Grelha de Observação do Comportamento Materno e da Criança –  
Tarefa de Interação**

**Grelha de Observação do Comportamento Materno e da Criança – Tarefa de Interação**  
(Hong, Lee, Chng, Zhou, Tsai, & Tan, 2015)  
(Traduzido e adaptado por Oliveira, Faisca, & Carmo, 2019)

Níveis completados pela criança no decorrer dos 10 minutos (desenhar 2 linhas "II" quando o tempo acabar)

Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5	Nível 6	Nível 7	Nível 8	Nível 9	Nível 10

Nível 11	Nível 12	Nível 13	Nível 14	Nível 15	Nível 16	Nível 17	Nível 18	Nível 19	Nível 20

Comportamento materno

	Comportamentos	Frequência do Comportamento
<b>Tipo I Não intrusivo</b>	Fornecer sugestões, pistas e conselhos de modo a facilitar a performance da criança.	
	Não interfere diretamente nem fisicamente na tarefa (e.g., As jogadas são feitas pela criança).	
	Questiona a criança e/ou fornece instruções verbais gentis para incentivá-la.	
	Faz perguntas abertas (e.g., "E em relação a este carro?"; "Para este carro amarelo se mover, em qual dos carros tens de mexer?").	
	Fornecer explicações detalhadas (e.g. "Primeiro tens de mover o carro da polícia, para que o táxi saia do lugar e o carro dos bombeiros possa passar").	
	Demonstra como o jogo funciona (e.g. A criança fica parada por se sentir confusa. A mãe move um ou dois carros para solucionar a confusão da criança e permite que a criança resolva os próximos passos sozinha).	
	Outro:	
<b>Tipo II Ligeiramente intrusivo</b>	Os comportamentos maternos são caracterizados por tentativas de direcionar a atenção e o comportamento da criança, através de ordens verbais, gestos ou negação da jogada da criança, mas sem interferência comportamental direta e.g., A criança continua a fazer as jogadas).	
	Fornecer direções à criança sem muitas explicações.	
	As intervenções maternas nesta categoria não são assumir o jogo pela criança.	
	Fornecer frases simples (e.g., "anda com o carro da polícia para aqui"; "o amarelo vai para baixo"; "não, não, o cor-de-rosa fica aí").	
	Tenta parar gentilmente o comportamento ao dizer "espera", "para".	
	Dá incentivos como "sim", "boa", para encorajar a performance da criança.	
	Aponta (com ou sem indicadores verbais).	
Outro:		
<b>Tipo III Moderadamente</b>	Existência de comportamentos de intervenção diretos quando a criança não demonstra dificuldades.	

<b>intrusivo</b>	A mãe move os carros pela criança, levanta-os ou tem comportamentos manipuladores que modificam a disposição do jogo (e.g., tentativas de acabar jogadas iniciadas pela criança, mais ainda não terminadas e tentativas de colocar os carros que estão fora dos seus locais nos seus sítios certos não são contabilizados como intrusivos). O foco materno é a conclusão da tarefa em si, em vez da compreensão e contribuição da criança na tarefa.	
	O movimento da mãe interfere no movimento da criança e muitas vezes a criança tem de parar e observar o movimento da mãe. Cada movimento materno dos carros é contado como uma ocorrência.	
	Outro:	
<b>Tipo IV Extremamente intrusivo</b>	Comportamentos com a clara intenção de restringir o movimento da criança e obrigá-la a estar em conformidade com as expectativas e os objetivos maternos (e.g., A criança não pode explorar livremente).	
	A mãe agarra a mão da criança ou afastar a mão da criança do jogo.	
	A mãe reverte um movimento feito pela criança, sem fornecer uma explicação adequada.	
	A mãe move o carro dos gelados para a saída, completando o nível do jogo.	
	Restrições verbais do movimento da criança, sem instruções alternativas (e.g., "Paral", "Espera!", "Não, não podes movê-la", "Não. Isso não está correto.").	
	Outro:	